



A LIAHONA

Outubro

1967

Expo'67 — Comemoração do Centenário do
Domínio do Canadá
Século de Progresso Canadense



LEITURA MEMORÁVEL



A IGREJA RESTAURADA

Em magnífica apresentação a quatro cores, encadernado em percaline, profusamente ilustrado com fotografias e mapas históricos, este volume propicia um estudo essencial da história do desenvolvimento e da doutrina dos santos dos últimos dias. Tem sido de largo uso nos seminários e escolas da Igreja, estando agora em sua décima edição em inglês e primeira em português. Oferece ainda extensa bibliografia e completo índice de referências.

Livros que serão companheiros, livros importantes que aprofundam o seu conhecimento do evangelho... esse é o tipo de livros que você encontrará no Centro Editorial Brasileiro



QUEM SÃO OS MÓRMONS?

Um estudo resumido da Igreja, apresentando de maneira agradável e franca resposta às perguntas iniciais sobre o mormonismo, tais como, "quem são eles, em que acreditam, qual é o seu programa." Amplamente ilustrado com fotografias históricas.



O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, em quatro cores, este importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui uma ótima sugestão para um presente inspirador.



REGRAS DE FÉ

Apresenta um estudo das principais doutrinas da Igreja, de forma aperfeiçoada e em parte reescrita. Contém conhecimentos indispensáveis tanto ao membro da Igreja quanto ao observador de fora; esta obra foi traduzida para as principais línguas do mundo.

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Rua Afonso Braz, 464 -
fone 61-2344 - São Paulo

Explorando o Universo

AS PEDRAS DO SOL

F. Máximo

Recente descoberta de um arqueólogo dinamarquês veio lançar inesperada luz sobre o emprêgo que se fazia na antiguidade de certas pedras à guisa de instrumentos capazes de suprir informações que de outro modo seriam impossíveis de se obter, emprêgo este que até então vinha revestido de uma roupagem lendária e misteriosa, uma vez que em nenhum lugar eram claramente descritos.

A descrição das vestes sacerdotais dos antigos levitas, que se encontra em Êxodo 28, menciona no versículo 30: "Também porás no peitoral do juízo Urim e Tumim, para que estejam sobre o coração de Aarão...". O uso que se fazia desse instrumento é mencionado, sem descrições ou detalhes, em Números 27:21: "E se porá perante Eleazar, o sacerdote, o qual por ele consultará, segundo o juízo de Urim..." Embora haja várias citações na Bíblia sobre o Urim e o Tumim (palavras que em hebraico significam: luzes e perfeições), em nenhum lugar há explicações claras do que seriam, como eram usados e como funcionavam.

O Livro de Mórmon também menciona o emprêgo de dispositivo semelhante. Em Éter, capítulo 3, há uma narração de como Jared conseguiu 16 pedras luminosas de Deus para iluminar seus oito curiosos navios e são mencionadas outras duas pedras, os "intérpretes", os quais Jared é aconselhado a selar juntamente com os seus escritos, pois as duas pedras servirão para traduzi-los. O capítulo 8 do livro de Mosiah também menciona o emprêgo deste instrumento, cuja posse tornava o seu possuidor um vidente.

Nos tempos modernos, quando Joseph Smith recebeu as placas douradas do Livro de Mórmon para traduzir, recebeu juntamente algo que ele descreveu como: "... um curioso instrumento ao qual os antigos chamavam 'Urim e Tumim' e que consistia de duas pedras transparentes engastadas na orla de um arco preso a um peitoral." Por intermédio deste instrumento pôde Joseph Smith traduzir as placas.

As sagas escandinavas mencionam, sem as descrever claramente, certas pedras maravilhosas, as "pedras do sol", utilizadas pelos Vikings para encontrar a posição do sol com o tempo nublado. Num artigo recente, a revista "Time" relata como o arqueólogo Thorkild Ramskou pôde determinar que espécie de pedras seriam essas e como funcionavam.

Segundo pôde apurar, os marinheiros vikings utilizavam em lugar da bússola magnética um pedaço de cordierita. A cordierita é um cristal transparente (mineral ortorrômbico formado por silicato de alumínio e magnésio) capaz de se comportar como um filtro polaróide. Quando o seu alinhamento molecular faz ângulo

(Conclui na página 18)

A LIAHONA

Orgão Oficial da Igreja.
Outubro de 1967.
Volume XXI

Número 10

ARTIGOS:

- 5 Aquê!le que me Ama. Joseph Fielding Smith
- 7 O Grande Mandamento. N. Eldon Tanner
- 10 Um Século de Progresso no Canadá William T. Sykes
- 13 Por que os Mórmons Guardam o Sábado? Hélio da Rocha Camargo
- 16 A Partir de Cumorah. XVII. Hugh Nibley
- 18 Mensagem. N. Eldon Tanner
- 19 Então é Disso que São Feitos os Rapazes. XIV. W. Cleon Skousen
- 23 Mamãe Vive na Cozinha. Lael J. Litke
- 28 Como a Aranha Ajudou a Srta. Faceira. Margery S. Cannon
- 30 Um Sorriso para Cristabela. Blanche Bolschinski
- 35 Dias da Guerra Total. Louise T. Lindorf
- 39 A Leoa. Milt Hammer & Bill Walsh

SEÇÕES:

- 3 As Pedras do Sol. Explorando o Universo
- 4 Portadores do Sacerdócio. Mensagem de Inspiração
- 9 O Discursinho. Ensino
- 26 As Coisas Nem Sempre Foram Assim. Bispado Presidente
- 32 Notícias
- 33 Princípios de Inteligência. AMM
- 37 Os Corações dos Filhos. Genealogia
- 38 Escola Dominical.
- 40 A Última Palavra.

Capa: Aspectos do Canadá, que este ano comemora seu centenário com a Feira Expo, 67 a encerrar-se neste mês

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. A Liahona, órgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do Unified Magazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo. Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Preços: Assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 3,00, para o exterior simples US\$ 3,00 aérea US\$ 7,00. Exemplar NCr\$ 0,30, atrasado NCr\$ 0,60. As mudanças de endereço devem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o novo endereço

*A vós presbíteros, eu que também sou presbítero
convosco, testemunha de Cristo, e participante
da glória que se há de revelar.*

Portadores do Sacerdócio

Pres. David O. McKay

Pedro, o principal apóstolo, assim admoestou os possuidores do sacerdócio:

“Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com êles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar:

“Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dêle, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto;

“Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.

“E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória.

“Semelhantermente vós, mancebos, sede sujeitos aos anciões; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

Humilhai-vos pois debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte;

“Lançando sobre êle toda a vossa ansiedade, porque êle tem cuidado de vós.

“Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.

“Ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo”. (1 Pedro 5:1-9).

Estas instruções têm dezenove séculos de idade, não obstante ainda são novas e tão aplicáveis aos élderes desta Igreja de agora quanto aos de então. Pedro disse que êles deviam ser “exemplos para o rebanho”. Eu gostaria de perguntar se êsse exemplo não principia no lar. Que melhor lugar para se excercer os elevados ideais do sacerdócio?

Quanto mais envelheço, mais grato sou por meus pais, pelo que faziam naquela velha fazenda. Eles viviam o evangelho. Papai costumava pregá-lo, particularmente às visitas, mais do que a nós filhos; mas tanto papai como mamãe viviam o evangelho. Eu percebo melhor do que nunca que meu testemunho da existência real de Deus data do lar, de minha tenra infância. Foi através de seus ensinamentos e exemplos que tive, mesmo como criança, uma certeza absoluta de que Deus é meu Pai e alcancei um conhecimento da realidade do mundo espiritual; e testifico-lhes que êle é real.

É fácil para mim aceitar como verdade divina o fato de que Cristo pregou aos espíritos em prisão enquanto seu corpo jazia na tumba. É a verdade. E é igualmente fácil para mim compreender que uma pessoa pode viver de forma a receber inspiração e mensagens através do Espírito Santo. O véu é tênue entre aqueles que possuem o testemunho e os que estão do outro lado.

Êsse testemunho começou, foi trazido àquele lar, pelo exemplo de um homem que viveu o sacerdócio e uma espôsa que o apoiou dentro de casa. Eu não sei se Pedro se referia particularmente a isto, quando mencionou “ser exemplo para o rebanho” (1 Pedro 5:3), mas tenho certeza de que cada lar é parte de nosso rebanho. A influência que vocês espalham em seu lar se estende à ala e à estaca e depois se alastra pela cidade, estado e país, atingindo o mundo.

A coisa mais preciosa do mundo é o testemunho da verdade. Ela nunca envelhece e a verdade é que Deus é a fonte do seu sacerdócio e do meu, que êle vive, que Jesus Cristo permanece à cabeça desta igreja e que todo o homem que possui o sacerdócio, se viver corretamente, com sobriedade, indústria, humildade e fervor, está credenciado à inspiração e orientação do Espírito Santo. Eu sei que isto é verdadeiro!

Deus ajude-nos a defender a verdade — melhor que isto, *a vivê-la, a exemplificá-la em nossos lares*. É impossível expressar o quanto devemos a nossos pais. Vocês, pais, irão exercer a mesma influência sobre seus filhos? Nunca dêem um exemplo errado. Vocês são possuidores do sacerdócio e líderes. Nunca lhes permitam ouvir uma palavra grosseira. Vocês devem manter controle sobre si mesmos. Fraco é o homem que se deixa levar por paixões, seja operando uma máquina, arando, escrevendo ou fazendo o que quer que seja no lar.

O homem que não consegue controlar seu gênio não tem muita possibilidade de controlar suas paixões e, não importa quais sejam suas pretensões com respeito a religião, vive sua vida diária muito próximo do plano animal. A religião deve elevar-nos a um nível mais alto. Ela apela para seu espírito, seu eu real. E, no entanto, com quanta freqüência entregamo-nos ao lado carnal de nossa natureza, a despeito de possuirmos um teste-

(Conclui na página 12)



*Discurso proferido na Conferência
Geral de Abril de 1967*

Aquêle que me Ama

Pres. Joseph Fielding Smith

da Primeira Presidência e Presidente do Conselho dos Doze

Meus caros irmãos: estou feliz de estar com vocês hoje. Eu oro e espero que o Senhor me abençoe com seu Espírito, para que possa dar-lhes algo que seja para seu bem e para a edificação do reino de Deus.

Como tema, resolvi escolher as palavras de nosso Salvador: "Aquêle que tem os meus mandamentos e os guarda êsse é o que me ama; e aquêle que me ama será amado de meu Pai..." (João 14:21).

Vou ler para vocês algumas palavras de Paulo, o apóstolo, escritas aos santos coríntios. As pessoas têm em geral uma idéia estranha a respeito dessas cartas de Paulo e dos homens que escreveram as epístolas que estão na Bíblia. Aplicam-nas a si mesmos e as têm como mensagens dirigidas a todo o mundo. Mas isto não é verdade. Cada uma dessas epístolas foi definidamente endereçada aos membros da igreja — não a denominações religiosas, mas os que ouviram as palavras dos apóstolos de antanho, receberam-nas e foram batizados e confirmados membros da Igreja de Jesus Cristo daquela dispensação.

Portanto, devemos ter a compreensão, quando lemos essas epístolas, de que as coisas ditas pelos apóstolos não se aplicam aos que não fizeram convênios através do evangelho de Jesus Cristo ou que não os fizeram naqueles dias. Vou ler uma declaração clara e enfática dirigida aos membros da igreja, alguns dos quais vacilavam um pouco naqueles dias, exatamente como nós hoje, ou não estavam plenamente convertidos, ou haviam esquecido a mensagem que os irmãos lhes ensinaram e que aceitaram ao entrar para a igreja.

Por isso, Paulo instruiu êsses membros e chamou-lhes a atenção para certas condições peculiares aos que fizeram convênios com Jesus Cristo. Mas ele não se dirige à nossa geração. Fala à geração em que vivia. A êsses membros de Corinto, então, é que ele disse:

"E, se alguém sôbre êste fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha,

"A obra de cada um se manifestará; na verdade, o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um.

"Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, êsse receberá galardão.

"Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo.

"Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Cor. 3:12-16).

Assim escreveu êle aos santos de Corinto. Essas palavras aplicam-se também aos santos dos dias presentes, mas Paulo não poderia dirigi-las aos que não haviam sido batizados e confirmados, pois o Senhor afirmou claramente que os que não eram membros da Igreja não poderiam receber o Espírito Santo; e, assim, disse:

"Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.

"Ninguém se engane a si mesmo; se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo faça-se louco para ser sábio.

"Porque a sabedoria dêste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia". (I Cor. 3:17-19).

Portanto, devemos tomar nota disto. Não podemos construir sôbre nenhum outro alicerce. Sei que há membros da igreja orgulhosos, que fazem do ouro, da prata e das coisas preciosas seu grande objetivo. E negligenciam os deveres e responsabilidades que sua filiação à igreja reclama.

Agora, deixem-me ler outra passagem dirigida a êsses mesmos membros da Igreja, muitos dos quais estavam terrivelmente afastados dos verdadeiros ensinamentos que haviam recebido de Paulo e de outros que haviam sido enviados para ensinar-lhes:

"Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?

"Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus..." (I Cor. 6:19-20).

Essa declaração de Paulo é também aplicável aos santos dos últimos dias hoje.

Paulo não teria dito isso aos que não haviam feito os convênios. Êle poderia dizer a qualquer um, em qualquer parte, que havia sido comprado por bom preço, mas não que o Espírito Santo lhe havia sido dado, porque não foi dado senão aos membros da igreja. Mas permanece o fato de que tôda alma sôbre a face da terra foi comprada por bom preço — judeu, gentio, hereje, ateu. Não importa onde um homem habite, em que creia, ou as circunstâncias sob as quais viva, êle foi comprado e resgatado por bom preço pago por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Êle foi o único que poderia pagá-lo. Jamais nasceu sôbre êste mundo outra pessoa que pudesse pagar o preço.

E de que fomos comprados? Antes de responder a esta pergunta, quero falar algo mais. Tenho ouvido pessoas dizerem, inclusive membros da igreja: "Tenho o direito de fazer o que quiser". Minha resposta é: Não, você não tem. Você não tem nenhum direito de fazer o que bem entender. Há apenas um direito que você tem e êsse direito é o de fazer exatamente o que li: guardar os mandamentos de Jesus Cristo. Êle tem o direito integral de nos dizer isso. Nós não temos o direito de recusar. Não importa qual seja o homem, onde viva ou o que seja — quando o evangelho de Jesus Cristo lhe é apresentado, êle não tem o direito de recusar-se a recebê-lo. Êle tem o privilégio de recebê-lo. Não é compelido, porque nosso Pai Celestial concedeu-nos a cada um, na igreja e fora dela, o dom do livre arbítrio. Êsse livre arbítrio dá-nos o privilégio de aceitar e ser leais aos mandamentos do Senhor, mas nunca nos deu o direito de rejeitá-los. Todo o homem que rejeita os mandamentos de nosso Pai Celestial é rebelde.

Naturalmente, eu compreendo que existem milhares de pessoas que nunca ouviram falar do evangelho. Elas não serão punidas por isso. Nós não podemos esperar que uma pessoa cumpra um mandamento de que nunca ouviu falar.

Mas todos os que nunca puderam ouvi-lo terão em alguma época esse privilégio. Se não fôr nesta vida, será no mundo espiritual. E toda alma terá a oportunidade de aceitar a missão de nosso Salvador Jesus Cristo ou rejeitá-la. Quando o Senhor nos manda, se o amamos guardamos seus mandamentos. Esta é a lei para os membros da Igreja, nas palavras do Salvador: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama..." (João 14:21). Novamente, o Salvador disse: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos". (João 14:15).

Infelizmente temos membros da igreja que põem de lado os mandamentos que o Senhor nos deu, que deixam de guardá-los estritamente. Este é um direito que não têm. Só possuem o privilégio, dado pelo Senhor, de agirem por si mesmos. Vocês são agentes com capacidade de obedecer ou desobedecer. Se não fôsse assim, ninguém poderia ser condenado por desobediência. Nós lemos nas Escrituras que cada homem será julgado de acordo com suas obras. Ora, se não estivermos sob a obrigação, quem nos poderá condenar? Jamais pensaram nisto? Se não houvesse obrigação para mim de guardar os mandamentos do Senhor, se eu os quebrassem, não poderia ser punido.

Não punimos os homens por fazerem algo que não é contrário às leis, punimos? Mas o Senhor nos deu sua lei — o evangelho de Jesus Cristo — não para satisfazer a si mesmo; não porque vá tirar proveito disso. Ele nos deu essas leis para que nós possamos tirar algo delas. E, naturalmente, toda pessoa que guarda esses mandamentos aumenta na mesma medida sua glória pessoal. Não há dúvida a esse respeito. O Senhor nunca deu um mandamento neste mundo, a nenhum homem, que não fôsse para seu benefício eterno. Eu por vê-los julgo que deixamos escapar isto.

Espero que o Senhor me ajude a guardar seus mandamentos. Como disse, seus mandamentos não são difíceis de guardar. Ele o declarou, Ele próprio. Alguns dizem que seus mandamentos são difíceis de obedecer. É uma forma de admitir que não os estão guardando, não é mesmo?

Deixem-me perguntar-lhes uma coisa: Há alguém aqui que nunca tenha cometido algum pecado ou transgressão da lei divina? Se assim fôr, por favor levante a mão. Não vejo mão alguma. Eu não posso levantar a minha também. Após haverem cometido algum erro, vocês já sentiram tristeza e tiveram o espírito do arrependimento e desejo de não havê-lo cometido? Se não se sentiram assim, é melhor conversarem com seu bispo. Eu tenho feito coisas que não devia e fiquei muito triste. Nunca cometi assassinio; mantive meu corpo puro nunca roubei a ninguém. Quando pequeno, posso ter tirado algo que irão me pertenciam, como as maçãs do vizinho. Mas sempre que fiz algo errado, fiquei transtornado.

O Salvador nunca cometeu pecado nem sentia a consciência perturbada. Não teve necessidade de arrependi-

mento e vocês e eu temos; mas de uma forma que excede minha compreensão, ele carregou a carga de minhas transgressões e das suas, de todos os que entrarem para a Igreja, dos dias de Adão ao presente e até o final dos tempos. Ele veio e ofereceu-se como sacrifício para pagar o débito de cada um de nós que esteja disposto a arrepender-se de seus pecados e retornar a ele e guardar seus mandamentos. Pensem nisto, se puderem. O Salvador carregou aquela carga por algum processo que ultrapassa nossa compreensão. Eu sei disto, porque aceito sua palavra. Ele falou-nos do tormento que atravessou; o tormento foi tão grande que ele suplicou a seu Pai que se possível afastasse dele a taça amarga: "...todavia não se faça a minha vontade, mas a tua". (Lucas 22:42). A resposta que teve de seu pai foi "Terás de bebê-la".

Poderia eu deixar de amá-lo? Não, não posso. Vocês o amam? Guardem então seus mandamentos. Se não guardarem terão que responder por eles vocês próprios.

Quando Adão e Eva foram colocados no Jardim do Éden, não precisavam morrer. Poderiam permanecer lá até hoje. Poderiam ter continuado assim por eras sem fim. Não havia morte então. Mas teria sido uma calamidade terrível se eles tivessem deixado de partilhar do fruto daquela árvore, pois permaneceriam no Jardim do Éden e nós não estaríamos aqui; ninguém estaria aqui exceto Adão e Eva. Portanto, eles tomaram do fruto proibido. Esse ato subjugou o poder do espírito e criou sangue em seus corpos. Não havia sangue em seus corpos antes da Queda. O sangue tornou-se a vida do corpo. E representou não apenas a vida, de então em diante, mas trazia em si a semente da morte. Por isso nós envelhecemos e morremos. Mas seria uma coisa apavorante se Adão e sua posteridade fôsssem forçados, por causa da queda, a morrer e permanecer mortos; este teria sido o caso se não houvesse redenção.

Era isto o que Satanás pretendia. Por isso tentou-os. Eu acho que ele pensou assim: "Agora destruí o plano do Senhor. Fiz com que Adão e Eva se tornassem mortais e desta forma morrerão; todos terão de morrer e serão sujeitos a mim". E riu com esse pensamento.

Havia apenas uma forma de haver redenção, uma forma pela qual poderia ser feita a reparação e o corpo seria restaurado novamente ao espírito: era através de uma expiação infinita, que teria de ser feita por um ser infinito, alguém que não fôsse sujeito à morte. E, apesar disso, teria de ser alguém que tivesse o poder de morrer e que também possuísse força sobre a morte. Assim sendo, nosso Pai Celestial enviou seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo, com vida em si mesmo. E porque Ele tinha uma mãe que possuía sangue nas veias, tinha o poder de morrer. Podia entregar seu corpo à morte e retomá-lo novamente. Deixem-me ler suas palavras: "Por isto o Pai me ama, porque

dou a minha vida para tornar a tomá-la.

"Ninguém ma tira, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai". (João 10:17-18).

Ele tinha o poder de entregar sua vida e, na cruz, pagou o preço por nossos pecados, expiando ao mesmo tempo pela transgressão de Adão. Sua expiação infinita resultou em duas coisas: (1) restauração do corpo ao espírito e (2) redenção daqueles que aceitam o evangelho de Jesus Cristo e são leais no cumprimento de seus mandamentos — libertação dos pecados.

Portanto, em conclusão, que iremos fazer? Iremos amá-lo? Compreender a grande obra que executou por nós e ser gratos ou violaremos seus mandamentos? Quero ler um trecho escrito por Sydney Harris, publicado no *Deseret News*, em 1964, intitulado: "Creríamos e o seguiríamos?"

"Se ocorresse agora uma segunda vinda, não haveria logo uma segunda crucificação? E desta vez não pelos romanos ou pelos judeus, mas por aqueles que orgulhosamente se chamam cristãos? Fico conjecturando. E imagino como consideraríamos e trataríamos hoje a esse homem com suas doutrinas estranhas, "pouco práticas" e amedrontadoras de conduta e relações humanas. Seríamos capazes de crer e segui-lo melhor que as massas em seus dias?"

"Nossos militares não o atacariam como pacifista covarde, porque nos recomendou que fôssemos pacificadores?"

"Nossos nacionalistas não o atacariam como perigoso internacionalista, porque nos diz que somos todos uma carne?"

"Nossos ricos não o castigariam como agitador radical, porque barra ao rico a entrada no reino dos céus?"

"Nossos liberais não o afastariam como a um vagabundo sonhador, porque nos aconselha a não cuidarmos do amanhã, a não amontoarmos tesouros na terra?"

"Nossos eclesiásticos não o denunciariam como herético pretensioso, porque se interpõe ao âmago do ritual e ordena-nos a apenas amar a Deus e ao próximo?"

"Nossos sentimentalistas não o ridicularizariam como cínico, porque nos adverte de que a senda da salvação é estreita e difícil?"

"Nossos puritanos não o desprezariam e rejeitariam porque come e bebe com os publicanos e pecadores, preferindo a companhia de bebedores e meretrizes à dos "respeitáveis" crentes?"

"Nossos sensuais não o escarneceriam porque jejuava por quarenta dias no deserto, negligenciando as necessidades do corpo?"

"Nossos orgulhosos e importantes não ririam dele por ensinar aos doze discípulos que o "primeiro" é o que assume o lugar do último e serve a todos?"

"Nossos sábios e instruídos não se horrorizariam ao ouvir dele que nós podemos ser salvos a menos que nos tornemos como crianças, e que uma

(Conclui na página 8)

O Grande Mandamento

Pres. N. Eldon Tanner

da Primeira Presidência



Presidente McKay, sentimo-nos felizes e abençoados de tê-lo conosco nesta manhã. Em nome da Primeira Presidência, eu gostaria de saudar a todos os que estão reunidos neste grande Tabernáculo e os que nos ouvem nesta manhã.

Enquanto comemorávamos na Páscoa a morte e ressurreição de nosso Salvador, senti-me novamente tocado pelas palavras: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (João 3:16).”

Nessa ocasião lembrei a resposta que o Salvador deu ao doutor da lei que, para tentá-lo, perguntou:

“Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”

“E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

“Este é o primeiro e grande mandamento.

“E o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

“Dêstes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas. (Mat. 22:36-40).

Nesta declaração fica evidente que o amor é a maior coisa do mundo. Então, procurando nas antigas escrituras, vi que o Senhor deu a Moisés este mandamento, registrado em Levítico 19:16-18:

“Não andarás como mexeriqueiro entre os teus povos: não te porás contra o sangue do teu próximo.

“Não aborrecerás a teu irmão no teu coração: não deixarás de repreender o teu próximo e nele não sofrerás pecado.

“Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo...”

Depois, em Deuteronômio lemos:

“Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder.

“E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração:

“E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. (Deut. 6:5-7).

Quando Cristo veio à terra, estava em vigor a Lei de Moisés, que pode ser exemplificada por “ôlho por ôlho, dente por dente”. Mas o Salvador disse:

“Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. (João 13:34-35).

O Senhor também nos deu o ensinamento que muitos chamam de Regra de Ouro. Encontra-se em Mateus 7:12:

“Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas”.

Para que tenhamos esse amor de que o Salvador falou e que qualificou como a coisa mais importante da vida, devemos começar a praticá-lo no lar e projetá-lo em nossa vida diária. Um casamento feliz nunca é entregue a um casal numa bandeja de prata, mas é algo que devemos construir continuamente. Se cada um pensar na conveniência, conforto, necessidades e felicidade do outro e se determinar a ver nele o melhor, procurar compreender e expressar afeto, haverá amor verdadeiro e harmonia no lar.

Sim, o único lema de que precisamos para ter felicidade no lar é: Amar-nos um ao outro — cinco palavrinhas simples. Apliquem os ingredientes do amor. Sacrifiquem-se um pelo outro. Tornem felizes um ao outro. Se estes pensamentos fossem preponderantes em nós, teríamos na verdade muito poucas dificuldades. Se houver amor entre pai e mãe, haverá amor entre pais e filhos e dos filhos entre si. Não se pode superestimar a importância e valor de ser cortês, amável, atencioso e delicado no lar.

Já viram algo mais doce que uma família que se ama? Onde há um verdadeiro e perfeito amor familiar, mandamentos como “honra teu pai e tua

mãe”, “não roubarás”, “não prestarás falso testemunho” são inteiramente desnecessários. O amor é na verdade o cumprimento da lei.

Ao contemplarmos nossa vida passada, seja curta ou longa, compreendemos que o que mais nos alegrou foi fazer algo por alguém porque o amávamos. Expressemos nosso amor por Deus e por nosso semelhante agora, enquanto podemos, através de cada ato e palavra, pois “não trilharemos este caminho novamente”.

A coisa mais difícil para nós parece ser a dedicação de nós mesmos, o abandono do egoísmo. Se realmente amamos alguém, nada custa. Nada é difícil de fazer por aquela pessoa. Não há verdadeira felicidade em ter ou obter, mas apenas em dar. Meio mundo parece seguir pela trilha errada na busca da felicidade. Pensam que ela consiste em ter e obter, e em fazer outros servi-los, mas ela consiste realmente em dar e servir a outros.

Poucos dias atrás, de manhã bem cedo, tive uma experiência que tocou realmente meu coração e foi evidência de grande amor. Uma mulher chamou-me para dizer que acabara de ter notícia de que seu filho adulto morreria num acidente automobilístico no Leste, onde vivia. Ela disse que o marido, pai do rapaz, estava em outra cidade efetuando alguns negócios muito sérios e importantes e que não queria perturbá-lo enquanto não os concluía. Concordei em chamar alguém que estava com ele para que o informasse ao fim das negociações. Para mim sua atitude foi um exemplo extraordinário de amor e desprendimento e interesse pelo bem-estar de seu marido, a ponto de estar preparada para sofrer sozinha.

Não se consegue aplicar de imediato a Regra de Ouro que o Salvador nos deu, mas esforçando-nos seriamente encontraremos muito maior alegria, sucesso, satisfação e amizade na vida e usufruiremos o amor de outros e o Espírito de nosso Pai Celeste. Se sempre procurarmos o melhor nos outros, em nossos vizinhos, em nossa esposa, em nosso marido, em nossos filhos, eles

serão as melhores pessoas do mundo. Por outro lado, se procurarmos suas fraquezas e faltas e as declararmos diante deles, essas mesmas pessoas poderão tornar-se deploráveis.

Por vezes, vivendo entre as criaturas quase me convengo de que é da natureza humana ampliar as fraquezas alheias com o intuito de minimizar as próprias.

Lembremo-nos sempre de que os homens de grande caráter não necessitam detratar outros ou chamar atenção para suas fraquezas. Na verdade, aquilo os torna grandes é a demonstração de amor e interesse pelo sucesso e bem-estar de seu próximo.

Ao tentarmos aplicar a Regra de Ouro, devemos dar-nos conta de que o amor não nos permitirá ter inveja ou guardar rancor. Esses sentimentos corrompem a alma e desterram o amor. Causamos grande mal a nós mesmos tendo inveja ou guardando rancor. E magoamos e às vezes destruímos a pessoa de quem falamos mal. Nós nem pensaríamos em roubar ou ferir fisicamente um de nossos amigos, conhecidos ou vizinhos, mas fazemos às vezes pior, roubando-lhe o bom nome. Não é raro ver-se pessoas — empregados de lojas, secretários de corporações, funcionários de clubes, do governo ou membros de igrejas — falando uns dos outros ou detratando alguém na esperança de que suas próprias fraquezas sejam minimizadas ou esquecidas. Se realmente nos amássemos como o Senhor nos amou, não haveria nenhum desses atritos, mas a confiança e a felicidade reinariam.

Gostaria de juntar-me a vocês em um exame de consciência, para ver se estamos realmente procurando aplicar os princípios do amor para com aqueles com que nos associamos. Somos pacientes, amáveis, generosos, humildes, corteses, altruístas e sinceros, sem demonstrações de mau gênio e más intenções? Procuramos colocar-nos no lugar do outro, seja ele comerciante, escriturário, secretário, empregada doméstica, pessoa de outra religião ou raça ou prisioneiro, para agir com relação a ele como gostaríamos de ser tratados em seu lugar?

Nunca nos esqueçamos de que o Senhor deu-nos este mandamento, de amar a Deus e amar-nos uns aos outros, aplicando a Regra de Ouro. Não podemos amar a Deus sem amar nosso próximo e não podemos amar verdadeiramente nosso próximo sem amar a Deus. Isto diz respeito a vocês e a mim e se cada um de nós o aplicar a si mesmo, não precisará se preocupar

com o outro.

Algum tempo atrás um amigo meu contou-me uma experiência que desejo transmitir-lhes:

“O primo de meu pai e ele viviam na mesma comunidade e eram concorrentes no negócio de construção. Com o correr dos anos desenvolveu-se entre eles uma rivalidade aguda e amarga. A princípio resumia-se a contratos de construção, passando mais tarde para as questões políticas de nossa cidade, em que se opunham um ao outro em campanhas eleitorais acaloradas.

“Os descendentes imediatos herdaram a situação depois da morte de meu pai, pois parece que nós, rapazes, continuamos de onde papai parara. Era bem penoso para os membros da família dele e da nossa serem até polidos uns com os outros, mesmo em cargos da igreja, onde ele servia como bispo de uma ala e eu de outra, e mais tarde no sumo conselho, do qual ambos éramos membros. Quando estávamos juntos, parecia que Satanás tomava conta da situação e estou certo de que tomava mesmo, pois não nos foi dito que onde há contenda o Espírito do Senhor não permanece?

“Esta situação prolongou-se por longo tempo. De repente, vi-me a braços com um chamado para abandonar tôdas as coisas mundanas e presidir uma missão. Esta era uma experiência emocionante e, no entanto, inconscientemente causava-me uma sensação desconfortável. Vivia perguntando a mim mesmo: “Serei realmente digno de aceitar um chamado tão importante? Eu cumpria a Palavra de Sabedoria, pagava dízimo integral, era fiel em minhas atividades religiosas, era moralmente puro e, no entanto, a sensação de desconforto persistia.

“Comecei imediatamente a colocar meus negócios em condições de serem assumidos por outra pessoa, enquanto estivessemos fora. Ao voltar para casa do escritório, certa tarde, a coisa realmente aconteceu. Eu não escutei nenhuma voz, mas tão claramente quanto se uma voz me tivesse falado, ouvi: “Você deve procurar o primo de seu pai e falar com ele. Não pode sair em missão e ensinar o evangelho do amor com o terrível ressentimento que existe entre vocês”.

“Eu me dirigi de carro para a casa dele e, com grande receio e insegurança, subi e toquei a campainha. Não ouve resposta. Depois de esperar alguns minutos, voltei para o carro e disse silenciosamente: “Senhor, eu tentei. Estou certo de que isto basta”.

Mas não bastava. A sensação de desconforto continuou. Orei fervorosamente a êsse respeito.

“No dia seguinte, em um funeral, meu primo entrou na sala e sentou-se no lado oposto ao meu. Uma inspiração levou-me a perguntar-lhe se poderia falar com ele em sua casa após os serviços. Ele concordou. Desta vez fui com calma e tranqüilidade na alma, porque havia pedido ao Senhor para preparar o caminho.

“Quando toquei a campainha ele convidou-me a entrar na sala e cumprimentou-me pelo chamado para a missão. Conversamos alguns minutos sobre coisas em geral e então aconteceu. Eu olhei para ele sentindo amor, um amor que substituiu toda a antiga amargura, e disse: “Vim pedir-lhe perdão por qualquer coisa que tenha dito e feito no sentido de separar-nos e dividir nossas famílias”.

“Neste ponto nossos olhos ficaram marejados e por alguns minutos nem um nem outro pôde dizer uma palavra sequer. Era uma dessas ocasiões em que o silêncio é mais significativo que palavras. Depois de algum tempo ele disse: “Gostaria de ter sido eu o primeiro a ir ter com você”. Eu respondi: “O que importa é que está feito, não quem o iniciou”.

“Nesse momento, tivemos uma rica experiência espiritual, que nos possibilitou purgar nossas almas e nossas vidas das coisas que nos haviam separado e passamos a ter relações familiares normais.

“Agora eu podia seguir em missão e ensinar o verdadeiro significado do amor, porque pela primeira vez em minha vida havia experimentado sua verdadeira dimensão e agora podia dizer honestamente que não havia uma só pessoa no mundo a quem não amasse e apreciasse. Desde aquele dia minha vida nunca mais foi a mesma, pois descobri de forma bem clara que jamais havia compreendido a injunção do Mestre a seus discípulos, quando disse: “Um novo mandamento vos dou, de que vos ameis uns aos outros”. (João 13:34).

Esforcemo-nos todos por viver dignamente, para incluir nossos nomes entre os dos que amam seus semelhantes e assim provemos nosso amor por Deus. Ele realmente vive. Jesus é o Cristo. Através dele temos o evangelho restaurado que nos oferece imortalidade e vida eterna.

Este é o meu humilde testemunho a vocês e eu lhes deixo minha bênção em nome de Jesus Cristo. Amém.

(Conclusão da página 6)

criancinha nos dirigirá?

“Cada um de nós, à sua própria maneira, não encontraria nos dizeres e atos desse homem alguma coisa tão ameaçadora a sua forma de vida, tão estranha a suas crenças arraigadas, que

o impediria de aceitá-lo por muito tempo?

“Eu fico conjecturando! Imagino se estamos hoje algo mais preparados para a segunda vinda do que estaríamos para a primeira”.

Ao voltar a nossos lares, ajoelhamo-nos em agradecimento ao Senhor por suas muitas bênçãos e a Jesus Cristo

por sua misericórdia, sua grandeza e bondade, tornando possível a nós, através da obediência a seus mandamentos, voltar à presença de Deus nosso Pai e habitar com ele. Deus os abençoe, concedendo-lhes todos os desejos retos de seu coração é minha oração, em nome de seu filho Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém.

O Discursinho

R. Wayne Pace

*Orientação e método para planejar
e proferir um discurso de dois
minutos e meio*



Dale Kilbourn

Quando somos convidados a dar um pensamento, precisamos instruir ou inspirar a congregação concentrando-nos em apenas um faceta do evangelho. Preparação precisa, análise cuidadosa e organização atenta são necessários. Um orador deve preparar-se especificamente para abordar um determinado tópico.

O discursinho, para os propósitos da igreja, vai de dois minutos e meio a cinco minutos. Para verificar se é necessário encurtá-lo ou desenvolvê-lo mais, é preciso treinar alto, com um amigo ou membro da família marcando o tempo. Mas não se deve escrever um discursinho palavra por palavra.

O propósito básico de um pequeno pensamento é instruir ou inspirar, explicando e ilustrando uma passagem de escritura, uma moral, um provérbio, um adágio ou um dito apropriado. Assim, o conteúdo do discurso deve consistir em geral da apresentação do tema e de reciocínios ou fatos que ilustrem a interpretação que você deu ao fato. Pode-se usar também auxílios visuais.

A parte mais difícil na preparação de um pensamento é a escolha do assunto. Discursinhos de dois minutos e meio deveriam ser extraídos das aulas da Escola Dominical. Cada aula apresenta vários pontos, qualquer um dos quais pode servir como assunto central de um pensamento.

Para outros discursos, pode-se tirar idéias de frases interessantes, passagens ou citações dos livros da igreja.

Escolha o assunto pelo menos uma semana antes de apresentar o discurso. Depois pense: "Que fatos em minha vida pessoa ou na dos que me rodeiam poderia ilustrar este ponto?"

Pode-se acrescentar citações de líderes da igreja, professores ou amigos, para complementar experiências pessoais. Poesias também aumentam o interesse de um discursinho. Fatos curiosos e fábulas — contos de ficção com moral — são excelente ilustração.

O problema seguinte é distribuir o material de forma a obter uma apresentação eficiente.

Passos na elaboração de um discursinho

1. Comece seu discurso dizendo à congregação sobre que irá falar. Exemplo: "Muitas pessoas aqui

têm talentos e habilidades que não usam há longo tempo. Infelizmente, não nos damos conta de que uma posse vale apenas pelo uso que fazemos dela". Você apresentou seu tópico e estabeleceu um ponto de vista. A declaração serve como um suporte em que dependurar os materiais ilustrativos.

2. (a) Explique sua declaração. Poder-se-ia dizer: "Se você aprender a jogar tênis, mas não participar do esporte, haverá pouco valor na habilidade adquirida". Em outras palavras, explique à congregação, de forma ligeiramente diferente, o que queria dizer com a afirmativa inicial. (b) Dê um exemplo que ilustre seu assunto. Ele deve ser apresentado com cores vivas e em detalhes.

3. Depois do primeiro exemplo, apresente um segundo que amplie o tema, ou uma escritura, poesia ou citação. O número de exemplos e outros materiais deve ser regulado pelo tempo estabelecido. Se os exemplos forem relatados em detalhes, um discurso de cinco minutos não pode conter mais de duas histórias, um verso ou dois de poesia, uma ou duas citações das escrituras e a explicação necessária para enfeixá-las dentro do assunto.

4. Termine o discurso apresentando novamente a idéia original e pedindo aos ouvintes para aplicarem a moral a suas vidas. Pode-se dizer, por exemplo: "Como podem ver, uma posse vale apenas pelo uso que fazemos dela".

Formas de apresentação

É bom lembrar alguns pontos a respeito da apresentação:

1. Discurse naturalmente como quem conversa.
2. Fale diretamente no microfone. Se não houver microfone, fale mais alto que o habitual.
3. Mantenha uma postura correta — não se curve sobre o público nem penda para os lados. Apóie-se sobre ambos os pés.
4. Fite diretamente diversas pessoas da congregação — não fale com o chão, as paredes ou o teto. Fale para as pessoas.
5. Pronuncie com mais clareza que o habitual.

Um Século de Progresso no Canadá

William T. Sykes

O Domínio do Canadá comemora este ano seu primeiro centenário. Orgulhando-se — e debatendo-se — com duas línguas oficiais, seus vinte milhões de habitantes, através de representantes politicamente eleitos, endereçaram convite aberto a todos os povos do mundo para visitá-los.

Os membros da igreja que vivem no Canadá estão tomando parte nas festividades de um ano de duração. Muitos deles são descendentes dos pioneiros, que emigraram para a parte meridional de Alberta, e cuja história no país remonta quase aos dias da Confederação do Canadá. A Missão do Leste do Canadá foi frutífera lá desde os primórdios da Igreja. O Senhor revelou ao profeta Joseph Smith que aquela região era parte da terra escolhida de Sião descrita pelos antigos profetas, no centro da qual estaria a montanha do Senhor.

Estendendo-se por aproximadamente 8 mil km, do Oceano Atlântico ao Pacífico, é o segundo país do mundo em tamanho. Possui a mais longa estrada de ferro transcontinental e a maior rede de televisão existente. Partilha também com os Estados Unidos a mais extensa fronteira aberta entre dois países (em 1966 houve 56 milhões de travessias); e possui o maior porto interior do mundo, Montreal.

O Canadá foi descrito como um gigantesco edifício, do qual apenas os pavimentos inferiores estão parcialmente ocupados. Sua região setentrional, com longos invernos e enormes vastidões de terras geladas, atraiu apenas poucos habitantes. E, no entanto, contém ricas áreas florestais e de minérios.

A imagem do Canadá como uma terra fria e desolada persiste ainda na imaginação de muita gente. Alguns se surpreenderiam de saber que a extremidade meridional da província de Ontário fica mais ao sul que a divisa dos Estados de Oregon e Califórnia e que a temperatura em Victoria, Columbia Britânica, é em média superior a 10.º C.

Seria um erro supor que a história desse vasto país está limitada a um período de uma centena de anos. Os habitantes nativos da terra são remanescentes de uma civilização muito mais antiga. Dispersados e decadentes de um estado anterior de prosperidade, esclarecimento e poder, encontravam-se incapazes de se defender dos invasores, por volta de 1497. Naquele ano, apenas cinco depois de Colombo descobrir a América, John Cabot reclamou a posse das terras setentrionais para a Coroa Inglesa; e, em 1534, Jacques Cartier plantou a bandeira francesa na península Gaspé de Quebec. Os historiadores revelam que enquanto Cortez levou os espanhóis a uma conquista sangrenta do México, em 1519, a ocupação do Canada e a conquista de seus habitantes nativos foi relativamente pacífica. Entretanto, o conflito entre exploradores e mercadores ingleses e franceses não foi

pacífico. O Canadá formou-se território britânico em 1763.

O maior evento na celebração de seu centenário é a exibição internacional denominada Expo 67, em Montreal, que irá de 28 de abril a 27 de outubro. Sob o tema "O homem e seu Mundo", os planejadores dessa exibição mostram o homem como criador, provedor, explorador e produtos.

Um dos pontos altos na Expo 67 foi a apresentação do Côro do Tabernáculo de Salt Lake no Teatro Maisonneuve, nos dias 22 e 23 de agosto. Essa foi a terceira atuação desse grupo mundialmente famoso nesse país.

Os membros da Igreja que vivem no Canadá estabelecem-se hoje firmemente sobre um alicerce que ajudaram a construir. Atingindo agora número superior a 50 mil, que se desenvolveu de uma base bem pequena, já podem ser encontrados em grandes ou pequenos grupos espalhados por todo o Domínio.

Dentre seus membros saíram muitos homens que contribuíram grandemente para a edificação do reino de Deus e o estabelecimento de Sião. Os presidentes Hugh B. Brown e N. Eldon Tanner, da Primeira Presidência, foram canadenses por adoção e o bispo Victor L. Brown, do Bispado em Presidência, nasceu em Alberta. Foi para a zona oriental desse país que alguns dos primeiros missionários foram enviados a fim de procurar os honestos de coração. Muitos foram ali convertidos e batizados — entre os quais quatro ingleses: John Taylor, mais tarde o terceiro presidente da Igreja, Joseph Fielding e suas duas irmãs, Mary e Mercy Fielding. Mary Fielding desposou posteriormente o patriarca Hyrum Smith e foi mãe de Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja.



Charles Ora Card e Theodore Brandley, pioneiros mórmons no Canadá



O mapa mostra as províncias canadenses indicando o número de membros em cada uma.

Já em junho de 1832 os élderes estabeleceram o primeiro ramo da Igreja no Canadá, em Ernestown, Ontário. Em dezembro de 1832, Brigham Young reuniu-se a seu irmão Joseph e auxiliou na organização de outro ramo em West Loughboro, Ontário. O élder Orson Pratt esteve no país em missão em 1833 e naquele mesmo ano o profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon visitaram o Canadá e converteram pessoas à Igreja. Em 1836 Parley P. Pratt, por designação especial, iniciou uma missão bem sucedido naquele país. Outros missionários primitivos foram Orson Hyde, Wilford Woodruff, Lyman E. Johnson, John E. Page e William E. M'Lellen.

Após os santos de Nauvoo imigrarem para o oeste e estabelecerem-se nos vales ao redor do Grande Lago Salgado, a maioria dos membros canadenses reuniram-se ao corpo principal da Igreja. Não foi senão em 1839 que a obra missionária teve prosseguimento no Canadá.

O estabelecimento da Igreja em sua região ocidental iniciou-se de forma semelhante à colonização de Utah. Tanta perseguição havia sido movida contra os primitivos santos da igreja que, quando o Congresso dos Estados Unidos passou uma nova lei que negava aos santos certas liberdades religiosas, isto foi considerado uma renovação da perseguição. Como resultado, grupos de sondagem foram enviados para averiguar as possibilidades de os membros se estabelecerem no Canadá e no México, criando-se colônias em ambos os países.

Em 1886 Charles Ora Card foi solicitado pelo presidente John Taylor a estabelecer-se no Canadá e preparar a terra para futuras imigrações. O presidente Card partiu no fim do verão e iniciou a longa jornada para o norte, acompanhado pelo bispo Isaac Zundel e pelo élder James W. Hendricks. O grupo viajou por Oregon, Washington e sudeste de Colúmbia Britânica, através de algumas das regiões mais inóspitas das Montanhas Rochosas, até Calgary, Alberta, e daí para o sul, acampando finalmente na barra de Lee's Creek, em 24 de outubro de 1886. Satisfeito por haver encontrado um lugar adequado, retornaram ao lar em Logan.

Em maio seguinte o presidente Card, com dois outros homens, retornou para conseguir a posse permanente da terra em Lee's Creek, sítio atual de Cardston. Alguns dias mais tarde ele viajou para o sul, para saudar a companhia principal dos que seguiam para o Canadá, inclusive sua esposa, Zina Young Card, filha do presidente Brigham Young. A 3 de junho essa companhia de 41 santos chegou ao local com 9 carro-

ções, 23 cavalos, 40 cabeças de gado e vários cestos de galinhas. As dez famílias ensopadas, extenuadas e, apesar disso, cheias de fé e determinação armaram suas tendas e descarregaram os carroções. Vinte centímetros de neve caíram na primeira noite.

Uma ala completa foi organizada ali a 7 de outubro de 1888, em cerimônia dirigida pelos élderes Francis M. Lyman e John W. Taylor, do Conselho dos Doze. Novas indústrias foram estabelecidas, inclusive uma cooperativa agrícola, uma fábrica de queijo e uma serraria.

Alberta começava agora a ser considerada como uma terra de muitas oportunidades para os colonizadores. Em 1891 o presidente Card e o élder John W. Taylor arrendaram 203 mil hectares de terra por um período de quatro anos e ao fim desse tempo compraram-nos ao preço de um dólar por cada 4000 m². Quando a Igreja firmou acordo com a Companhia de Irrigação Alberta, para construir um canal a leste do rio Santa Maria, a fim de trazer água até a nova povoação, muitos santos aceitaram o chamado de auxiliar na construção. Diversas comunidades agrícolas e cidades brotaram às margens do canal do dia para a noite, com a chegada de novos imigrantes do sul.

Exemplo das vicissitudes sofridas por esses antigos pioneiros é um incidente ocorrido com os colonizadores de Stirling, conforme relata Andrew Jenson, antigo Historiador Assistente da Igreja. Ele registrou:

"...Em 4 de maio de 1899 o élder Theodore Brandley e 29 companheiros desembarcaram do vagão de bitola estreita na estação de Great Falls da Ferrovia Canadense, naquela ocasião o único edifício à vista na extensa planície. ...O pequeno grupo de santos, cheio de coragem e esperança, levantou suas tendas nas planícies de Alberta com um único propósito: fazer a vontade de seu Pai Celestial. No sábado, 17 de junho, começou a chover. Os homens haviam todos saído para trabalhar no canal, deixando o élder Brandley para cuidar das mulheres e crianças que permaneceram no acampamento. O temporal continuou ininterruptamente e, de acordo com dados oficiais, caíram 1500 mm de água no espaço de apenas 14 horas. Por duas semanas a água caiu sem trégua. As tendas não abrigavam mais da chuva e as pessoas tinham que segurar sombrinhas sobre a cabeça, enquanto comiam as poucas rações preparadas nessas circunstâncias. Eram também compelidos a dormir no molhado e, como último recurso, colocavam panelas sobre as camas, para recolher a água que gotejava da lona encharcada. Mas esses colonizadores

cheios de determinação ... permaneceram, cumpriram sua tarefa e o resultado é uma bela ... cidade na planície..." (Andrew Jenson, *Encyclopedic History of the Church of Jesus of Latter-day Saints*, pág. 837).

Muitos desses antigos pioneiros sofreram bastante para estabelecer uma economia na região, em face da severidade do inverno. Naquelas planícies abertas, os ventos fortes freqüentemente causavam violentas tempestades de neve, soprando sobre as colinas baixas e enchendo ravinas de até 6 m de profundidade. Com o termômetro a mais de 20 graus abaixo de zero, um antigo pioneiro procurou desesperadamente seu gado que, levado pelo vento, cegamente buscava abrigo. Os bois encontraram proteção sob um alto barranco, ao longo do leito seco de um riacho. Agrupados para proteger-se da tempestade, ficaram ali fora da vista. Semanas mais tarde foram encontrados semi-enterrados na neve e gelados em pé — tudo o que restava do ganho que o fazendeiro esperava ter aquele ano.

Mas a história não acabou assim. A primavera e o verão trouxeram novas esperanças. Era tempo de plantar e de colher. Época de superar as perdas e de beneficiar-se com a experiência adquirida. E sempre com o estímulo da fé em Deus e a determinação de auxiliar a construção de seu reino na terra.

A obra missionária continua a ser a causa principal do crescimento da Igreja no Canadá. Em 1919 a Missão Oriental foi organizada no país, com o élder Nephi Jensen como presidente. A seguir a Missão Ocidental, em 1941, presidida pelo élder Walter Miller. A Missão Alasca-Canadense foi organizada em 1960, com o élder Milton L. Weilenmann como presidente.

Portadores do...

(Conclusão da página 4)

munho da verdade.

O homem que briga no lar expulsa de seu coração o espírito da religião. Qualquer discussão no lar é antagônica à espiritualidade que Cristo esperava que desenvolvêssemos dentro de nós, e é em nossas vidas diárias que essas expressões têm seu efeito.

O homem tem alcançado grandes progressos na ciência e nas invenções, maiores talvez que nunca, mas não está conseguindo progresso comparável em termos de caráter e espiritualidade.

Vocês, portadores do sacerdócio, atentem para isto: aquele que possui o sacerdócio não deve sujeitar-se a paixões. Aprendam a ter dignidade. Receber o sacerdócio de Deus por autoridade divina é um dos maiores dons que o homem pode alcançar e ser digno dele é de capital importância. A própria essência do sacerdócio é eterna. Extremamente abençoado é aquele que sente a responsabilidade de representar a Deus. Ele deve sentir isso em extensão tal que se torne côncio de seus atos e palavras sob qualquer condição.

Nenhum homem que possui o santo sacerdócio deve tratar sua esposa desrespeitosamente. Nem deve deixar de rogar a bênção sobre o alimento ou ajoelhar-se com sua esposa e filhos e pedir orientação a Deus. O lar se transforma porque o homem possui e honra o sacerdócio. Nós não o devemos exercer ditatorialmente, pois o Senhor disse que "quando tentamos encobrir nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã

Quando os santos estabeleceram-se no oeste do Canadá, esperavam que um templo viesse a ser construído ali para receberem as maiores bênçãos do evangelho. Eles foram encorajados nessa esperança pelas promessas feitas logo após a fundação da cidade de Cardston. Foi na manhã de domingo, a 8 de outubro de 1888, que os élderes Francis M. Lyman e John W. Taylor, do Conselho dos Doze, acompanhados pelo presidente Card e quatro outros subiram a cavalo ao topo de uma colina a oeste da cidade. Os quatro homens e três mulheres formaram um círculo e, na oração que foi oferecida, élder Taylor profetizou que um templo seria erigido naquele local.

Vinte e cinco anos mais tarde, em 27 de julho de 1913, o presidente Joseph F. Smith dedicou o local e em 26 de agosto de 1923 o presidente Heber J. Grant dedicou o Templo de Alberta, o primeiro a ser construído fora dos Estados Unidos e, por muitos anos, o único no Império Britânico.

Desta forma, grandes coisas originam-se de um começo humilde e o que a princípio parece além das forças de um punhado de pessoas simples, floresce em obras maiores, quando realizadas com fé em Deus e desejo de construir seu reino na terra. E quão bela sobre as montanhas e planícies é a memória daqueles que vieram porque Deus os enviou e abençoou seus esforços para o bem.

Os canadenses estão orgulhosos de sua herança e desejam que o mundo conheça a terra extraordinária que ocupam. O Canadá alcançou a maioria, está celebrando o evento e convida o mundo que se reúna a ele nesta celebração centenária.

ambição, ou exercer controle, domínio ou compulsão sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; e o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, é o fim para o sacerdócio ou a autoridade daquele homem". (D. & C. 121:37). Essa revelação dada pelo Senhor ao profeta Joseph Smith é uma das mais belas lições de pedagogia, psicologia e administração jamais ministradas e devemos lê-la e relê-la.

Procuraremos compreender que somos membros da grande fraternidade, a maior irmandade de todo o mundo — a irmandade de Cristo — e façamos o melhor, diariamente, o dia inteiro, para obedecer os princípios do sacerdócio.

Vivamos vidas honestas e sinceras. Sejamos honestos conosco mesmos, com nossos irmãos, com nossa família, com as pessoas com quem tratamos. Sempre honestos, pois os olhares convergem sobre nós e o caráter baseia-se em princípios de honestidade e sinceridade.

A palavra-chave para todo o homem é: Faça a vontade de Deus. "Se alguém quizer fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo". (Ver João 7:17). Há oportunidades todos os dias, em nossa vida, de fazer essa vontade.

Deus está guiando sua igreja. Sejam fiéis a ela. Fiéis e leais a suas famílias. Protejam seus filhos. Guiem-nos, não arbitrariamente, mas através de exemplo bondoso e contribuam assim para fortalecer a igreja, exercendo seu sacerdócio no lar e na vida.

*Este é o primeiro de uma série em três capítulos
sobre a Lei do Sábado. Há bastante controvérsia
entre as várias facções religiosas sobre o dia que
deve ser guardado. Qual é a posição da Igreja?*

Por que os Mórmons Guardam o Sábado?

Hélio da Rocha Camargo

O título do artigo pode parecer errado à primeira vista, mas não é.

O que pretendemos nas linhas seguintes é justamente tecer alguns comentários a respeito das razões que levam a comunidade dos santos dos últimos dias a manter-se fiel à guarda dos sábados cristãos, tais como foram instituídos nos dias dos primeiros apóstolos.

Que significa a palavra sábado? Em que nos baseamos para oferecermos a Deus, como dia santificado, o primeiro da semana em lugar de qualquer outro? Que relação existe entre o sábado judaico e o dos cristãos? Qual era o dia consagrado ao culto nos dias dos primeiros apóstolos e discípulos? Qual deve ser a autoridade final para dirimir dúvidas sobre assuntos religiosos?

Estas perguntas e algumas outras semelhantes, freqüentemente levantadas em conversas, debates, aulas ou reuniões, foram as que nos inspiraram a escrever este artigo.

Não nos julgamos mais habilitados a abordar o problema do que qualquer dos irmãos, mas achamos que poderia ser de interesse para os santos uma exposição das observações que colhemos aqui e ali, em livros, artigos, conversas e discursos, reunindo-as com nossas próprias idéias e estudos, de forma que pudessem servir de informação para os irmãos.

Vale a pena esclarecer que, nem todos os conceitos aqui emitidos são baseados em revelações claras dadas aos líderes da Igreja, mas alguns são apenas produto de estudo e meditação. Temos, entretanto, esperança de que sejam de algum valor para os que lerem este trabalho, no sentido de incitá-los à pesquisa e ao estudo das Escrituras, aprofundando-se assim no conhecimento das coisas de Deus.

Significado da palavra sábado

Sabemos que a existência de um dia chamado "sábado" em nossas semanas tem criado confusão na mente de muita gente que raciocina: — "Se as Escrituras e os profetas mandam guardar o sábado, tudo o que se teria a fazer, seria descansar no dia que tem esse nome".

Curioso é notarmos que, se tais pessoas vivessem em outros países, provavelmente não achariam o argu-

mento tão fácil. Nos de língua inglesa, por exemplo, o dia correspondente aos sábados em nossas semanas, chama-se "saturday", ou "dia de Saturno". Entre os povos que falam o francês o dia é chamado "samedi", que tem o mesmo significado acima. E que diríamos das línguas orientais e outras por este mundo a fora, em que o nome desse dia tem significados totalmente diversos?

Ora, como todos sabem, a palavra sábado é de origem hebraica e significa na língua original *descanso* ou *cessação*. Diferentes períodos de tempo dedicados ao descanso em Israel eram chamados "sábados", aplicando-se o termo não só a um lapso de 24 horas, como ao dobro desse tempo; outras vezes designa um ano inteiro e em ocasiões diferentes até períodos ainda mais longos:

a) Havia sábados de um dia de duração — "Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado..." (Deu. 5:13-14)

b) Outros sábados duravam 48 horas — "...contareis desde o dia seguinte ao sábado... sete semanas inteiras... até o dia seguinte ao sétimo sábado... naquele mesmo dia apregoareis que tereis santa convocação: nenhuma obra servil fareis..." (Lev. 23:15-16 e 21).

c) Comemorava-se também um sábado de um ano de duração — "Seis anos semearás a tua terra... porém ao sétimo ano haverá sábado..." (Lev. 25:3-4)

d) Havia sábados de dois anos de duração — "...contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos... quarenta e nove anos. E santificarás o ano quinquagésimo... não semeareis nem segareis o que nascer de si mesmo..." (Lev. 25:8-11)

e) A Escritura faz referência a um sábado de setenta anos — "Para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram". (II Cron. 36:21)

A palavra sábado, pois, não é o nome dado a um determinado dia, mas tanto pode referir-se a um dia como a outro, do mesmo modo que se aplica a períodos de um, dois ou mais anos.

Entre os santos dos últimos dias sempre foi perfeitamente compreendido, desde o tempo da restauração até hoje, que os sábados deviam ser guardados no "Dia

do Senhor”, como muito propriamente reafirmou recentemente o Presidente McKay.

Qual será pois êsse “Dia do Senhor”, que deve ser dedicado como sábado ao Pai Celestial? O próprio nome diz: a expressão latina correspondente a *Dia do Senhor*, é “Dominicus Die”, que deu em nossa língua a palavra “Domingo”, que tem exatamente a mesma significação.

Sendo assim, é perfeitamente correto dizermos que os santos guardam os sábados do Senhor no domingo.

E os que não são mórmons?

Embora estejamos absolutamente seguros de que a palavra do Senhor pela instrumentalidade de seus profetas é tudo de que necessitamos, temos de reconhecer que isso de nada vale como prova para os que não pertencem à Igreja e não aceitam os seus líderes como tais.

Como não gostaríamos de deixá-los na falsa impressão de que os mórmons não são mais que um simples grupo de ignorantes que tudo aceitam de olhos fechados pelo fanatismo, sem se preocuparem com evidências históricas, argumentos bíblicos ou razões lógicas; passaremos a examinar alguns pontos que servirão de esclarecimento quanto à posição da Igreja neste assunto, procurando mostrar a perfeita harmonia existente entre as verdades já confirmadas do campo da crítica textual, da pesquisa ou do simples raciocínio humano e as afirmações mórmons, evidenciando assim que toda verdade provém de Deus e jamais se contradiz.

Os santos do período neo-testamentário guardavam o “Dia do Senhor”

A — *A Igreja Primitiva*, também chamada apostólica, constituída pelos santos contemporâneos de Jesus e de seus primeiros discípulos, gozou da presença do Salvador ressurreto por quarenta dias e durante aquele período maravilhoso de sua história, os santos reuniam-se no primeiro dia da semana, o domingo, recebendo instruções diretas do Senhor Jesus Cristo.

Refere o Nôvo Testamento que a primeira reunião promovida por Jesus com seus discípulos após a ressurreição, ocorreu na “tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus e pôs-se no meio deles...” (João 20:19).

Como facilmente se compreende, o dia aí chamado de “primeiro da semana” é o domingo: o primeiro dia da semana judaica.

“E oito dias depois estavam outra vez os discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio deles...” (João 20:26).

Passados aqueles dias extraordinários, depois da ascensão do Mestre, os discípulos aguardavam em Jerusalém a promessa do Senhor, de revesti-los com poder do alto, e finalmente o acontecimento deu-se quando, no “...dia do Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar... e todos foram cheios do Espírito Santo...” (Atos 2:1 e 4).

Nesta altura convém lembrarmos que o Pentecostes era o dia depois do sétimo sábado judaico a contar da

Páscoa e embora fôsse igualmente um sábado no calendário judaico (o célebre sábado duplo de que já falamos), era contudo um domingo de nosso calendário. (Veja Lev. 23:15-16 e 21).

B — *No período apostólico da Igreja* (e estamos denominando assim o tempo que vai da ascensão de Cristo até à morte do último dos apóstolos da dispensação do meridiano dos tempos), persistiu a “nação santa” na prática de guardar o domingo. O livro de Atos relata um episódio da vida de Paulo que ilustra a afirmativa: “E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para o partir do pão, Paulo que havia de partir no dia seguinte, falava com eles...” (Atos 20:7).

Mais adiante lemos em uma das cartas do grande apóstolo algumas instruções sobre o levantamento de fundos: “No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam coletas quando eu chegar”, tornando claro que os santos de Corinto, aos quais a carta era endereçada, guardavam o domingo como dia de trazer suas oblações à Igreja. (I Cor. 16:2).

Finalmente, quase ao apagar das luzes do período apostólico, a maravilhosa revelação do Apocalipse foi dada a João, igualmente num domingo, como lemos: “Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouví detrás de mim uma grande voz...” (Apo. 1:10).

Curiosidades do texto grego

Neste ponto convém abriremos um parêntesis para examinar um aspecto curioso da Bíblia no original grego.

Algum tempo atrás batizou-se em nossa ala uma família grega que logo se mostrou ativa e interessada em aprender rapidamente os princípios do Evangelho. Certa feita um dos seus membros procurou-nos pedindo esclarecimentos a respeito da Bíblia. Havia achado algo aparentemente contraditório ao comparar as Escrituras em português com as que lia em sua própria língua. O problema estava nas passagens relativas à ressurreição do Senhor e seu aparecimento às mulheres que tinham ido ao sepulcro ungir-lhe o corpo, tão logo terminara o sábado dos judeus.

Na Bíblia grega encontrava êle uma estranha maneira de referir-se ao dia da ressurreição. Enquanto na edição brasileira a narrativa dizia apenas: “E no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro” (Mt. 28:1). Parecia-lhe que a tradução correta do que se encontrava no grego seria mais ou menos assim: “Ao findarem os sábados, quando despontava a manhã do primeiro dos sábados...”, ou então: “Ao terminarem os sábados, quando nascia o dia do sábado número um...” (οἱ δὲ σαββάτων τῇ ἐπιμονοῦσε εἰς μίαν σαββάτων...).

O mesmo ocorria nas passagens paralelas de Mar. 16:1-2; Luc. 24:1 e João 20:1, bem como em alguns outros trechos do Nôvo Testamento. A realidade era que êle não conseguia encontrar na versão grega a expressão “primeiro dia da semana” aplicada ao dia da ressurreição ou ao dia de reunião dos cristãos, mas sempre estava lá a estranha expressão “primeiro dos sábados” ou “o número um dos sábados”.

Comentando o assunto dissemos-lhe que os tradutores para a língua portuguesa, certamente haviam estranhado tanto quanto êle, chamar-se sábado o dia

seguinte ao sábado dos judeus, e como o texto indicava tratar-se ali do “Dia do Senhor”, o primeiro da semana judaica, acharam por bem “traduzir” a expressão como “o primeiro dia da semana”, ainda que não constasse isso no original. Tratava-se assim, mais propriamente, de uma interpretação feita pelos tradutores do que uma tradução fiel do texto.

Teriam porém os autores do texto sacro construído ali apenas uma frase sem sentido, ou estariam tentando dizer algo cujo significado se perdeu com o correr do tempo? A morte do Senhor tinha sido o último ato praticado sob a vigência da Lei Mosaica, encerrando-se na cruz a dispensação do Velho Testamento. Com a ressurreição iniciava-se a nova era, regida pela lei do Novo Concerto. Tendo repousado na sepultura durante o sábado dos judeus, o Salvador cumprira a Lei até o último til. Ressurgindo no primeiro dia da semana ele fizera dêse o *Dia do Senhor*, ou seja: o primeiro dos sábados novos da dispensação cristã.

À luz deste ponto de vista, o texto adquire novos contornos de impressionante nitidez: “Ao findarem os sábados (do antigo convênio estabelecido entre o Senhor e a casa de Israel), quando despontava a manhã do primeiro dos sábados (da nova dispensação, ou seja: a manhã do sábado número um dos cristãos) Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”.

Compreendi nessa ocasião que o Senhor realmente guiou a mão do profeta José Smith ao redigir a 8.^a Regra de Fé nos termos em que o fez: “Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, tanto quanto seja correta a sua tradução”.

Os missionários cristãos visitavam as sinagogas nos sábados judaicos

Um aspecto da questão que poderia confundir os menos avisados e que por isso mesmo não deve ser deixado de lado, era o costume de os pregadores cristãos visitarem as sinagogas dos judeus nos sábados deles, para fins de proselitismo. Para suas próprias práticas religiosas, tais como o partir do pão e a troca de testemunhos, reuniam-se no dia seguinte.

Informados dessa prática, alguns estudiosos aventaram a hipótese de ser esse um costume geral entre os primitivos cristãos: o guardarem normalmente os sábados dos judeus, reunindo-se de novo no dia seguinte para exercícios religiosos suplementares.

Embora admitamos que haveria situações em que os cristãos de origem judaica seriam obrigados a guardar-se de fazer obra servil nos sábados de seu povo, do mesmo modo como nós somos obrigados a suspender o trabalho nos “dias santos” que o governo transforma em feriados nacionais com a explícita proibição do trabalho sob pena das sanções da lei, sabemos que o exame desapassionado dos fatos mostra, sem dúvidas, que os membros da Igreja tinham a convicção calma e inabalável de que o domingo era o dia em que se deveria oferecer culto a Deus, a partir da época da ressurreição do Salvador.

O Dia do Senhor durante os primeiros séculos do cristianismo

Os documentos históricos dos três primeiros séculos

de nossa era, deixados pelos escritores cristãos do tempo, dão-nos idéia dos costumes religiosos da época.

Embora saibamos que, pela morte dos apóstolos e a perseguição sistemática aos demais líderes inspirados e autorizados, começavam a introduzir-se sorrateiramente doutrinas e práticas estranhas na Igreja, as evidências são claríssimas de que a guarda dos domingos se manteve como costume de todos os cristãos mesmo nesse tempo, sendo que só muitos séculos mais tarde é que veio a surgir um grupo de pessoas que tentariam introduzir a adoção do sábado dos judeus como dia de adoração para os cristãos.

As referências à guarda do domingo nos três primeiros séculos do cristianismo são inúmeras. Citaremos apenas algumas das mais conhecidas:

“Aqueles que eram criados na antiga ordem de coisas, tinham uma nova esperança, não mais observando o sábado (judeu ou sétimo dia), apenas vivendo pela observância do dia do Senhor (primeiro dia), no qual também nossa vida foi posta em liberdade por Ele e sua morte” (Epístola aos Magnesianos, cap. 9, Inácio — 101 AD).

“Ele, em cumprimento do preceito de acôrdo com o Evangelho, guarda o dia do Senhor” (Clemente de Alexandria, livro 7, cap. 12 — 193 AD). “Nós mesmos estamos a guardar certos dias, como por exemplo o dia do Senhor” (Orígenes, livro 3, cap. 23 — 201 AD).

O Didaquê, escrito no fim do primeiro século ou comêço do segundo; a 1.^a Epístola de Clemente de Roma, datada no ano 97 de nossa era; o Pastor de Hermas, da metade do segundo século, bem como a Epístola de Barnabé, são outros dentre os mais antigos documentos cristãos que atestam o mesmo.

Nestes últimos anos a descoberta de notáveis bibliotecas de manuscritos antiquíssimos em Qumram, Elefantina e outros lugares, tornou mais fácil formar-se um quadro ainda mais completo das práticas religiosas daqueles tempos.

Apesar de se poder notar nos documentos antigos a paulatina infiltração de doutrinas e costumes alheios ao cristianismo primitivo, o que ressalta claramente do exame é a unanimidade dos cristãos em cultuarem a Deus no domingo, desde o tempo do Novo Testamento e mesmo através do escuro período das perseguições e do início da apostasia.

Influência de Constantino

Certas pessoas têm levantado a hipótese de que teria sido o imperador Constantino o verdadeiro instituidor da guarda do domingo na Igreja Cristã, por decreto datado de 321 AD, alterando assim o costume antigo dos santos que, na palavra de tais comentaristas, conservavam até aquela data a guarda dos sábados à semelhança dos judeus. Com tal decreto Constantino teria imposto aos cristãos a observância de um sábado diferente daquele que normalmente guardavam, com o objetivo de padronizar o dia de descanso em Roma, mediante a adoção de um costume pagão, ou seja: a guarda do primeiro dia da semana.

Tal afirmativa peca por falta de base histórica. Se tal coisa tivesse ocorrido, seria de se esperar uma grande

(Continua na página 36)

A medida que vão sendo descobertos novos documentos, progride o estudo comparativo do Livro de Mórmon. Damos seqüência a um breve exame de alguns dos mais importantes manuscritos que ainda não apareceram em forma de livro nem foram traduzidos para o Inglês.

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XVII - O Problema dos Três Documentos

(Continuação do capítulo anterior)

Hugh Nibley

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

O fragmento classificado como IQSb é o *Pergaminho da Bênção*, e contém cinco bênçãos⁷⁷. A primeira é dirigida àqueles que “guardam os convênios sagrados de Deus e são perfeitos em trilhar os caminhos da verdade”. Tal linguagem recorda Lucas 1 e claramente indica que o evangelho foi verdadeiramente restaurado para os justos, por intermédio dos poucos justos que esperavam a vinda do Messias, como está tão claramente exposto no Livro de Mórmon⁷⁸. Aqui nos é dito mais que Deus proverá “uma fonte eterna de águas vivas para eles”, para que possam receber instrução “na congregação dos santos”. A terceira bênção (a segunda está bastante danificada) diz que Deus “coroará com a coroa da glória eterna a tua cabeça, e santificará a tua semente com a glória eterna... e dar-te-á a realeza”. A ênfase sobre a importância da progênie e da realeza é significativa. Os líderes, “os filhos de Sadoque, sacerdotes escolhidos de Deus”, são abençoados para serem ornamentos perfeitos no meio da congregação dos santos”. A quarta bênção é também uma bênção de liderança e promessas de corôas e ministrações na presença dos anjos e um tempo em que todas as coisas serão “discutidas em comum conselho com os santos pelo tempo e por toda a eternidade (literalmente: ‘por um tempo eterno e por todas as eras da eternidade’)”. O líder é “santificado entre o seu povo... uma luz para toda a terra em conhecimento... um diadema para o Altíssimo; pois o abençoarás e glorificarás o Seu Nome e os Seus santos igualmente”. Aqui temos a idéia do Novo Testamento sobre a “luz do mundo”.

A quinta bênção trata do tempo em que Deus “restaura (renova) o convênio com a igreja (congregação), para que o reino possa ser estabelecido para o seu povo para sempre e para que os pobres possam receber justo juízo e que os mansos da terra possam receber instrução, para que possam restabelecer o seu santo convênio para o consolo de todos quantos o buscam”. Quanto ao mundo ímpio, será ferido e desolado pelo poder da bôca de Deus quando os que tiverem recebido a bênção irão entre os gentios com um novilho (?) (o texto está incompleto) pisando-os.

Um pequeno fragmento quase perfeitamente preservado conhecido como *Testimonia* (4Q test) contém uma “coleção de textos-prova do Velho Testamento” expres-

sando a “expectativa messiânica da congregação”⁷⁹. Moisés recebe ordem de alertar o povo contra a apostasia, e Deus fala-lhes de um Profeta a quem o Senhor “levantará do meio dos teus irmãos semelhante a tí”, com a estrita admoestação de darem-lhe ouvidos. (Cf. Dt. 18:18-19). Um homem “cujo ôlho é perfeito” falará com o Senhor e verá a face do Todo Poderoso, mas velado e à distância. Então “uma estrela se levantará em Jacó, um cetro em Israel”, para prostrar Moabe e os filhos de Sete. Há, em seguida, uma estranha passagem sobre a entrega do “teu Urim e do teu Tumim a um homem que devotamente te servirá (um *hasid*), a quem provaste em Massá e com quem tiveste disputa pelas águas da disputa (Meribá)”. Este homem, parece, apartou-se do seu pai e da sua mãe, do seu irmão e dos seus filhos, “porque guardou o teu mandamento e permaneceu fiel ao teu convênio”. Tais homens eram os líderes da congregação de Qumran, que aqui aplicam as escrituras a si mesmos. Note-se quão bem Neti ou seu pai se enquadram com o tipo de profeta refugiado, que devido à sua fé deixou o seu próprio povo, foram provados nos desertos do sul e nas águas, e até mesmo receberam o Urim e o Tumim.

O *Comentário de Nahum* (4Q pNah)⁸⁰ começa com uma referência aos leões irados e que não encontram oposição, como representantes da ira de Deus contra os gentios e os ímpios de Israel — uma imagem que ocorre nada menos de três vezes em 3 Nefi. Aqui, o povo de Qumran aplica Naum 2:12 ao seu próprio tempo: os “cobiçosos sacerdotes de Jerusalém” são os protagonistas de uma luta na qual a oposição “dos grupos opositores é descrita como uma disputa entre Efraim e Manassés”. Há uma vívida descrição do extravio de Efraim que “buscará as coisas fáceis nos últimos dias, e caminhará em falsidade e impostura”, e como resultado disso, “a espada dos gentios não se apartará do meio da sua congregação”.

Mas após Efraim ter desviado muitos “mediante sua doutrina enganosa e sua língua mentirosa e falsos lábios — até mesmo reis, príncipes, sacerdotes e o povo... que a eles se uniram”, no último dia chegará uma mudança: “muitos reconhecerão os seus pecados em Israel”, quando “os maus atos de Israel forem dados a conhecer”, e converter-se-ão dos seus pecados e os verão

com repugnância por causa do seu orgulho pecaminoso da ruína do renome de Judá. “Então, afinal, “os mansos de Efraim fugirão do meio da sua congregação, e se apartarão daqueles que o desviaram, e se juntarão a Israel”.

Quanto aos que buscaram as coisas fáceis e lisongeiras, “seu conselho falhará e sua congregação será dispersa, e não mais conduzirão as congregações ao êrro, e os mansos e os simples não mais apoiarão o seu conselho”. O texto de Naum 3:8 — “És tu melhor que No-Amon?” — é explicado como significando que Amon é Manassés, e os rios são os grandes e nobres de Manassés. “Manassés será beneficiada com a fraqueza de Efraim na ocasião em que os humildes de Efraim começarem a arrepender-se”. A seguir encontramos que Manassés uniu-se às “hostes ímpias, à casa de Peleg”, o que nos leva a concluir com base na menção a Peleg noutros lugares da Apócrifa, que Manassés havia-se ido além mar, onde perdeu-se na iniquidade. Naum 3:10 é interpretado como: “referente a Manassés nos últimos dias, quando o seu domínio sobre Israel cairá”, e “suas esposas, seus infantes, e seus filhos irão em cativeiro enquanto os seus heróis e nobres perecerão à espada”. Com uma referência aos “sem-Deus de Efraim, cuja taça passará a Manassés”, o fragmento se interrompe.

Os estudiosos dos Manuscritos têm chamado a atenção para a imagem da taça como representando sofrimento e martírio⁸¹, significando assim ou que Manassés terá de beber a taça uma vez imposta a Efraim, ou que Efraim impusera a Manassés lhe será confiada. De qualquer modo, a clara identificação do povo do livro de Mórmon com Manassés (note-se também a esmagadora predominância do nome Amon no de Mórmon!) deveria tornar fácil para qualquer pessoa encontrar aqui todos os tipos de paralelos com as profecias daquele livro.

No *Comentário do Salmo XXXVII* (4Q pPs 37) “a congregação de Qumran”, como observa Lohse, “aplicava o salmo à sua própria situação”⁸². Precisamos acaso tornar a referir 1 Nefi 19:23? O Salmo 37:8f é explicado como o retorno à Lei daqueles que não hesitaram em se apartar da sua impiedade. Pois, todos os que hesitam, serão destruídos”. O versículo 9 “refere-se à congregação dos escolhidos que fazem a sua vontade”, e o versículo 11 à “congregação dos Pobres, que aceitaram o tempo da provação e que serão salvos das armadilhas de Belial”. Os versículos 14 e 15 “referem-se aos sem-Deus de Efraim e Manassés... no tempo da provação: mas Deus os salvou (aos santos) das mãos deles”. Os justos do versículo 17 são os que “retornaram ao deserto, que habitarão mil gerações em Israel e com sua semente herdarão toda a terra para sempre”; também serão poupados da fome e pragas dos últimos dias. O versículo 20 refere-se aos “seus escolhidos que serão os cabeças e líderes”, e aos líderes ímpios da oposição “que passarão como a fumaça e o vento”, enquanto (v.21f) “as congregações dos pobres... herdarão a terra... possuirão o elevado monte de Israel e regosijar-se-ão no seu templo”. A seguir, estas coisas são aplicadas disputa da época entre o Mestre da Retidão e o sacerdote sem-Deus que tentou matá-lo mas sobre quem Deus exercerá vingança no final, enquanto (v.34) “a congregação dos Pobres, seu Povo Escolhido que se regosijará na sua herança”; contempla a condenação dos ímpios.

Ao crescerem em número e tenderem a ser tomadas como naturais, nos inclinamos a esquecer quão notáveis são essas profecias, vindo com vêm diretamente “em sua pureza” das mãos dos judeus que viveram muito antes de Cristo.

Luz vinda do Egito. Mas não devemos nos esquecer das peças que acompanham os Manuscritos do Mar Morto. O que tem Nag Hammadi a dizer sobre o assunto? Temos aqui a biblioteca de um devoto corpo de sectários, preservada pelas areias do deserto; mas estas pessoas, em vez de estarem aguardando apenas a vinda do Messias, perscrutam tanto o passado quanto futuro, uma vez que, tal como nos informa o *Diálogo* de Justino, esta é a diferença básica entre judeus e cristãos. Ambas as situações são encontradas no Livro de Mórmon, entretanto, e os escritos de Nag Hammadi tratam da segunda fase, e mais particularmente da atividade do Senhor entre os homens após a sua ressurreição. Isto é um grande golpe de sorte, uma vez que a mais notável e ousada parte do Livro de Mórmon é a que cobre o aparecimento de Cristo aos Nefitas após a sua crucificação. No que se assemelham ambas as versões?

Recentemente este autor examinou todos os primitivos manuscritos cristãos disponíveis que tratassem das atividades do Senhor durante os quarenta dias posteriores à sua ressurreição e descobriu que com todas as suas adulterações pseudo-gnósticas, todos têm quatro coisas em comum, coisas essas que se pode demonstrar serem a tradição cristã original — aquilo que permanece após terem sido removidas todas as especulações, enfeites e invencionices. As quatro coisas são: 1) insistência no sigilo; 2) ênfase sobre a limitada permanência da Igreja sobre a terra naquela época; 3) corpos de doutrina; 4) ritos e ordenanças que diferem substancialmente dos ensinamentos e ritos da cristandade convencional. Estas quatro coisas caracterizam os ensinamentos pós-ressurreicionais de Cristo no Livro de Mórmon igualmente; mas, uma vez que não podemos examinar algumas dezenas de textos cóptas aqui, podemos tomar como exemplo uma escritura da qual uma autoridade não menor que a de Orígenes afirma ser mais antiga que o Evangelho de Lucas, e que era aceita pelos cristãos como perfeitamente ortodoxa ao tempo dos autores patrísticos. Descoberta em 1913, é chamada *Evangelho dos Doze Apóstolos*, e sobrevive apenas em Cópta, sendo do mesmo período e local que os nossos livros de Nag Hammadi⁸³. Apresenta uma característica confusão de eventos anteriores e posteriores à ressurreição, mas isso não apresenta grande problema uma vez que é reconhecido universalmente que o Senhor repetiu muitas coisas ao dispender quarenta dias ensinando as coisas do reino. (Cf. Atos 1:3). O caso é que há evidentes aspectos da história que podem ser confirmados pela literatura dos “quarenta dias” em geral e pelo Livro de Mórmon em particular.

O fragmento 2 do chamado *Evangelho dos Doze Apóstolos*,⁸⁴ começa informando “aos irmãos” que desejam saber “como realmente se deram os fatos” que “enquanto Jesus esteve sobre a terra, continuou a comer com os Apóstolos numa mesa terrestre, orientando as suas mentes para a futura mesa no seu reino, pois contava as coisas deste mundo como nada”. A linguagem aqui é tipicamente pós-ressurreicional. O autor diz como Jesus desejava que os seus Apóstolos fôssem um, “e cos-

tumava orar ao seu Pai por êles, 'para que possam ser um assim como nós somos um'".

Após uma lacuna vemos Tomé, a mando do Senhor, trazendo-lhe cinco pães e dois peixes, enquanto André protesta a inadequação da comida: "Trazei-mos", diz o Senhor em resposta, "e haverá bastante". Tal como no Nôvo Testamento e no Livro de Mórmon, o povo já está há três dias no deserto sem nada comer — embora sob circunstâncias muito diversas. Não obstante, a situação é típica e é uma imagem. Antes de abençoar o pão e o peixe, Jesus entretém uma palestra íntima com uma criança (Cf. 3 Nefi 26:14 e 17:11 ss.), após ter explicado à multidão que ela está prestes a gozar uma especial providência que deverá recordar sempre e uma refeição que verdadeiramente a satisfará (Cf. 3 Nefi 20:8). A seguir, "Jesus tomou o pão, orando sobre ele e dando graças, deu-o aos apóstolos para que pudessem passá-lo à multidão" (Cf. 3 Nefi 18:3-4), anunciando que aquele a quem não é dado partilhar do pão com as minhas mãos não é digno de partilhar da minha carne... Isto é um mistério do Pai com respeito à distribuição da minha carne". (Cf. 3 Nefi 18:27 ss.).

Observe-se que os pães e peixes parecem aqui confundidos com o Sacramento. A identidade, agora é sabido, é intencional: vários eruditos, especialmente católicos romanos, têm recentemente chamado a atenção para a estreita conexão entre o milagre dos pães e dos peixes com o Sacramento, observando que a alimentação da multidão foi na verdade uma ordenança⁸⁵. A distribuição do Sacramento pelos doze e sua ministração ao povo em doze corpos separados (Cf. 3 Nefi 19:5) é um detalhe significativo. Recentemente A. Adam mostrou que esta divisão em doze corpos era uma parte essencial do antigo rito judaico dos pães da proposição, do qual o sacramento cristão foi uma continuação — tal como o é no Livro de Mórmon⁸⁶.

Jesus abençoa o pão para que aqueles que o come-

rem sejam satisfeitos, "para que o teu Filho receba glória em ti; para que aqueles a quem tiraste do mundo possam obedecê-lo". A referência a ser tirado do mundo ocorre também na mais antiga oração sacramental, que se encontra no *Didaguê*, — enquanto que o elemento de obediência é importante na oração sobre o pão no Livro de Mórmon: "...para que possam... guardar os mandamentos que Ele lhes deu..." (Moroni 4:3).

Então, é-nos dito, "todo o povo comeu e fartou-se; pelo que louvaram a Deus". (Cf. 3 Nefi 20:9) "E, tendo toda a multidão comido... foram cheios do espírito; e clamaram em uma só voz, e glorificaram a Jesus..." (Continua)

N O T A S

77. Texto e discussão em D. Barthelemy and J. T. Milik, *Discoveries in the Judaean Desert* (Oxford, 1955) I, 118-130.

78. F. F. Bruce, *Second Thoughts*, p. 151, nota que "a piedade e a esperança os unem (características de Lucas 1) mais com o judaísmo 'sectário' que com a corrente principal da religião nacional". Cf. Dupont-Sommer, *Manuscripts de la Mer Morte*, p. 201.

79. Lohse, *op. cit.*, p. 249. O texto está na mesma caligrafia do *Manual de Disciplina*, segundo J. Allegro, que reproduz o texto em *Journal of Biblical Literature*, 75 (1956), pp. 182-7.

80. Fotografias completas do texto são apresentadas por J. Allegro, em *Journal of Semitic Studies*, 7 (1962), pp. 304-8.

81. J. Allegro, *The Treasure of the Copper Scroll* (Garden City: Doubleday, 1960), p. 72.

82. Para uma discussão mais completa, ver H. Stegermann em *Revue de Qumran*, 4 (1963), pp. 235-270.

83. O texto é discutido por E. Revillout in *Patrologia Orientalis*, 2:123-130, onde o texto está reproduzido, pp. 131-184.

84. Todo o material aqui discutido acha-se em *ibid.*, pp. 132-143.

85. G. H. Boobyer, in *Journal of Theological Studies*, N. S. 3 (1953), pp. 161-171 e A. M. Farrer no mesmo periódico, 4 (1953), pp. 1-14.

86. A. Adam, in *Theologische Literaturzeitung*, 88 (1963), pp. 10-19.

Mensagem

do Pres. N. Eldon Tanner
Segundo Conselheiro da Primeira Presidência

Nada pode trazer maior alegria, paz satisfação e segurança ao homem que o conhecimento de que Deus está presente e interessado em nós. Isto modifica a aparência e a vida das pessoas quando descobrem ou redescobrem que a oração é um elo vital e vibrante. Suas vidas tornam-se mais significativas e a mudança é evidente a qualquer um.

Quando essas pessoas que descobrem através da prece que Deus vive procuram explicar sua atitude para com a oração, antes de encontrar os missionários, chegamos à conclusão de que os homens é que estavam amortecidos para com Deus, e não Deus que está morto. Enquanto não se tornam cônscios de um Deus vivo a quem se podem dirigir, o evangelho significa muito pouco para eles.

Torna-se claro, então, que a questão não é o tipo de Deus em quem o homem pode crer, mas que tipo de homem o Deus vivo pode alcançar.

AS PEDRAS DO SOL

(Conclusão da pág. 8)

reto com o plano da luz solar polarizada na atmosfera, a sua cor muda do amarelo para o azul escuro. Dessa maneira, bastava ao piloto viking girar um pedaço desse cristal até que a sua cor mudasse,

para encontrar a posição do sol, mesmo quando inteiramente oculto pelas nuvens ou depois de estar abaixo da linha do horizonte, conseguindo-o com grande precisão. Não foi, pois, por acaso, que já no século X os Vikings haviam conseguido chegar à Góenlândia, ao Labrador e à Terra Nova.

Embora a explicação dada às lendárias pedras do sol seja bastante convincente, no que diz respeito ao Urim e Tumim quase tudo está por esclarecido. Não obstante, é um passo bastante significativo no sentido de ajudar a compreender como funcionariam estas maravilhosas pedras.

Avistando o Tôpo

W. Cleon Skousen

Quando um rapaz, trilhando os caminhos da vida, atinge a “avançada” idade de 20 anos, seus pais podem constatar que êle finalmente já está avistando o topo.

Na verdade, mais ou menos pela época em que o júnior atravessa o limiar dos 20 anos, Mamãe Natureza asperge sua fronte com um luminoso ingrediente denominado “ambições sérias”. Isto substitui a aventureira temeridade dos 19 anos. Os pais ficam em geral aliviados de verificar essa mudança, pois chega numa época em que só falta a seu rapaz levar um pouquinho mais a sério seu papel de homem. Êles desejam ver suas “qualidades” começar a aparecer — capacidade de trabalhar e estudar com afinco, de assumir responsabilidades, maturidade emocional e bom ajustamento social.

Mas sua satisfação com o filho nesta idade dependerá em grande parte das qualidades que êles ajudaram seu filho a desenvolver em si mesmo com o passar dos anos.

“Teremos criado bem nosso filho?”

É por volta dos 20 anos que a maioria dos pais chega à compreensão de que está prestes a perder seu filho. A universidade, carreira, uma missão ou o casamento estão prestes a levá-lo. Na maioria dos casos êle permanecerá fora boa parte do tempo, de agora em diante. E de repente os pais começam a se interrogar — “Teremos criado bem nosso filho?” Se concluírem que êle é vítima de alguma negligência e não está preparado para a vida adulta, poderão pensar: “É bom apressarmo-nos a transformar o júnior num homem!” Mas infelizmente quando um rapaz chega aos 20 anos sua formação está quase concluída.

Certa vez ouvi famoso psicólogo afirmar que a maior lição que os pais devem aprender é que a natureza humana é muito semelhante ao concreto. Todo o pai precisa de aproveitar o tempo antes que a personalidade de seu filho comece a se estratificar ou fixar. Uma vez ocorrido o fenômeno, é preciso quase um milagre para alterar sua estrutura básica. Eis por que o período de crescimento é tão importante. O fato que o psicólogo quis salientar é demonstrado em estudos sobre os criminosos adultos. Seu índice de reabilitação é apenas uma pequena fração do sucesso que se pode conseguir com os adolescentes. Enquanto um rapaz está ainda se formando, parece ter facilidade em mudar ou mesmo reverter a direção do seu desenvolvimento. Uma vez passada essa fase, no entanto, sua disposição ou habilidade de ajustar-se ficam bem restritas. A fixação é, assim, um fator altamente favorável ao rapaz que tenha desenvolvido traços positivos de caráter, pois torna-o um cidadão sólido, capaz de en-

frentar as tempestades da vida sem sucumbir. Mas quando uma personalidade se desenvolve com muitos traços negativos, o indivíduo acha quase impossível alterar seu padrão básico, a menos que esteja disposto a suportar uma verdadeira revolução.

Os psicólogos explicam-nos o porque disso. É que o indivíduo em crescimento aprende a fazer as coisas por reações em cadeia. Em outras palavras, êle constrói circuitos no cérebro que lhe permitem desencadear toda uma série de atividades com um único sinal mental. Tome-se a escrita como exemplo. Inicialmente a criança emprega cinco impulsos intelectuais para formar um A maiúsculo manuscrito. Ela diz de si para si: “Para cima à direita, para baixo à direita, para cima à esquerda, para baixo, para cima à direita”. Após fazer isto centenas de vezes, consegue finalmente escrever o A em duas fases: uma volta e para cima. Com o tempo o processo reduz-se a uma fase. Na verdade, depois de colocar o A em vocábulos como “aia”, “ato”, “ama” etc., a pessoa pode escrever toda uma palavra apertando um único gatilho mental. Não pára mais para pensar na forma de escrever cada letra, mas simplesmente escreve “ato” com um só único impulso de sua atividade intelectual.

Ora, isto não acontece apenas com a escrita, mas com todos os outros aspectos da vida — o comer, o vestir-se, o tomar banho, manter uma conversação, conhecer novas pessoas, tocar piano ou dizer a verdade, mesmo que doa. Nós desenvolvemos centenas de padrões de conduta que são a princípio muito complexos, mas foram aprendidos através de repetição constante, até poderem ser executados quase que automaticamente, quando quer que o comando seja dado pela mente ou “vontade” do indivíduo. É fácil compreender o provérbio popular que diz: “O homem é um feixe de hábitos”. Também fica claro por que os hábitos são tão difíceis de romper. Um vez estabelecido o circuito, a maioria das pessoas considera muito problemático desmantelá-lo. Pelo mesmo princípio, uma pessoa com bons hábitos também resiste a pressões tremendas para não se desviar. O processo de “fixação” foi criado como uma bênção providencial. É uma maldição apenas para os que não estão preparados para êle.

Os psicólogos afirmam que por volta dos 20 anos o processo de fixação já se encontra em estágios adiantados na personalidade de um rapaz. O concreto, por assim dizer, já foi derramado. As porcentagens de areia e cimento estão determinadas. A estrutura de reforço foi instalada e não pode ser aumentada, a não ser com a maior das dificuldades. Portanto, o rapaz é êste. De agora em diante poderão ser aparadas algumas arestas, dado polimento, colocadas escoras, mas os ingredientes básicos para êste ser humano específico

já estão prontos para receber o laço.

O que ele fará no futuro será condicionado em grande parte pela resistência do equipamento (motivos, hábitos, disciplina e ideais) que ele e seus pais já construíram durante os anos passados. À medida em que o tempo passa, os pais aprendem a concordar com o psicólogo que afirmou: "Na verdade, a criança é o pai do homem".

Retrato de um rapaz de 20 anos

Como resultado da fixação de personalidade que vem-se tornando cada vez mais evidente, os pais descobrem que é possível prever a conduta geral do Júnior diante de uma infinidade de situações. Gosto musical, escolha de leituras, alimentos, amigos, distrações, recreação e uma porção de outras coisas estão agora tão demarcadas que é possível esperar que sigam uma sequência lógica durante o resto de sua vida.

Como se pode concluir da explanação anterior, os hábitos pessoais do júnior estão se tornando agora bem estáveis. Comer, ir para a cama, cuidar de sua higiene pessoal, atender aos compromissos — tudo isto enquadra-se mais em rotina do que no ano anterior. Ele está em condições de assumir responsabilidades adultas e gosta de fazer as coisas sem muita "supervisão". Resente-se de receber sugestões a toda a hora e pode até comentar com desagrado: "Eles acham que ainda sou bebê".

Nesta idade, o júnior recebe elogios com satisfação, quando acha que são merecidos, e procura cultivar talentos que tragam benefícios mais imediatos. Anseia por ser bem sucedido em algo e impressiona-se muito com as observações e conselhos daqueles a quem respeita.

Ele tem agora mais discernimento. Analisa-se e faz auto-crítica. Sua atitude geral em relação aos outros também é muito mais tolerante do que durante os três anos anteriores. Ele deseja que os adultos aceitem-no em nível deles. Gosta que lhe peçam opinião e sustenta conversação adulta bem melhor do que quando tinha 19 anos. No emprego, muitas vezes faz mais do que o exigido, para provar que é um homem. Se teve problemas na adolescência, é provável que se refira a eles com o maior descaso. Chama-os de "coisas de garoto", como se fossem agora totalmente alheios à verdadeira natureza de seu ser. Apesar de ter explosões de exuberância juvenil, de tempos em tempos, é curioso verificar como logo se humilha, frente a uma crítica honesta e direta de um adulto amigo.

Ele ainda se ressentia das interrupções e alarido dos irmãos menores, mas parece mais resignado.

A capacidade de planejar é uma qualidade do rapaz de 20 anos. Os atos impensados que caracterizavam seus 14 anos foram agora substituídos por planejamento antecipado de quase tudo o que faz. É um sinal de que o júnior está sentindo o impacto da vida. Ela o está transformando gradualmente num conservador liberal.

Estas coisas todas, "estabilizando-se" aos 20 anos, deverão ajudá-lo a tomar as decisões certas, quando se defrontar com as oportunidades ilimitadas da idade adulta. Durante os próximos quatro anos ele sentirá necessidade de tomar decisões em três esferas, as quais afetarão o resto de sua vida. Essas esferas são — mis-

são, carreira e casamento.

Época ideal para missão

Psicológica e circunstancialmente, os 20 anos são o período ideal para uma missão. Nêle o rapaz geralmente se encontra naquele estágio de maturidade educacional em que pode representar efetivamente a Igreja no campo missionário. De seu próprio ponto de vista, esta será também uma época propícia. Ele ainda não tem as responsabilidades de lar e família, nem as obrigações de uma carreira definitiva. É um interlúdio feliz, em que dois anos de estudo e dedicação à Igreja podem resultar num proveito extraordinário.

Na verdade, todo o esquema de desenvolvimento de um rapaz da igreja é um projeto maravilhoso e inspirado de progresso humano. Desde o dia em que recebe seu nome e a bênção de seu pai, ele torna-se objeto de afeição de um grande exército de pais, mestres e servidores voluntários da Igreja. Se corresponder a esse elaborado programa, será influenciado por ele em todas as semanas de sua vida. O programa se inicia com uma rica vida familiar, frequência à primária e à Escola Dominical. Aos oito anos é batizado e confirmado. Também está na idade do escotismo. Mais tarde, aos 12 anos, recebe seu primeiro ofício no sacerdócio. É ordenado diácono. Aos 14 anos já pode servir como "vigia" de sua ala e é ordenado mestre. Aos 16 será autorizado a administrar algumas ordenanças sagradas, sendo ordenado sacerdote. Após isto, ele deve-se preparar para as responsabilidades do Sacerdócio de Melquizedeque e o privilégio de ser ordenado élder.

A expressão élder implica em maturidade e liderança. É um grande elogio para um rapaz entre 17 e 20 e poucos anos receber este título e o chamamento que com ele vem. Um dos principais propósitos do programa da Igreja é auxiliar o jovem a obter liderança e prepará-lo para a vida enquanto ainda esteja no vigor da juventude.

O passo seguinte para ele é esforçar-se por merecer a oportunidade de ir ao templo e receber suas investiduras. Após isso, o rapaz é elegível para ser designado missionário.

Por vezes a ocasião pode não parecer "conveniente" para uma missão, mas é preciso lembrar que este privilégio talvez não volte mais. Neste período o rapaz e toda a sua família devem avivar seu espírito de luta e forçar as circunstâncias para que ele não perca esta oportunidade de ouro. Um rapaz de 20 anos que deixa a família para seguir em missão geralmente volta para ela como um ser humano muito superior. No futuro, ele não apenas se recordará de sua missão como dois dos anos mais felizes de sua vida, mas também descobrirá estar muito melhor preparado após ela para escolher uma carreira, assumir as responsabilidades do matrimônio e engolfar-se resolutamente na tarefa de conseguir um verdadeiro sucesso na vida.

Escolher carreira

Quando um rapaz está pronto para escolher sua carreira, deve ter em mente o conselho do economista que disse "procure ganhar a vida naquilo que mais aprecia". Isto é possível se o jovem estiver disposto a passar alguns anos na faculdade ou desenvolvendo alguma especialidade que realmente lhe agrade. É uma

bênção extraordinária trabalhar com prazer.

Por vezes, no entanto, as circunstâncias forçam um jovem a escolher outras coisas. Antes que seja tarde, ele deve procurar fazer um teste de aptidões, atualmente acessíveis a quase todos, para determinar os campos em que tem melhores probabilidades de ser bem sucedido. Esses testes podem ser feitos em muitas escolas, indústrias e em algumas clínicas especializadas. É surpreendente o número de pessoas que despendem um esforço enorme remando contra a corrente. Apenas virando o barco e seguindo a direção de suas aptidões naturais elas descobririam que sua passagem pela vida seria suavizada, impulsionada e muito mais agradável. Esses testes geralmente demonstram que uma pessoa tem muito mais aptidões do que jamais sonhou. O que se deve fazer é escolher um desses ramos e procurar colocação dentro dele. Para conseguir fazer-se na vida, talvez o jovem precise aceitar posições bem modestas, de início. Isto apresenta grandes vantagens quando uma pessoa consegue subir de posto mais tarde. Faz com que seus liderados o respeitem, por ter seguido a fórmula de sucesso mais admirada. Confiarão também em seu discernimento, porque sabem que já trabalhou em outras funções.

Hoje em dia muitos empregos são obtidos preenchendo-se fichas, submentendo-se a uma série de testes e passando por uma entrevista. Os especialistas fazem algumas sugestões a respeito de cada um desses estágios:

Preenchimento de fichas:

1. Estude os requisitos do emprego, para certificar-se de que pode ocupar o cargo.
2. Datilografe ou escreva em letra de forma as informações.
3. Certifique-se de preencher todos os dados antes de assinar.

Testes:

1. Leia todas as perguntas calma e analiticamente, antes de respondê-las.
2. Coordene bem o pensamento, antes de escrever qualquer coisa no papel.
3. Escreva de forma legível.
4. Torne suas respostas tão objetivas quanto possível.
5. Reveja todas as respostas antes de devolver a folha.

Entrevista:

1. Cause boa impressão, caprichando nas roupas etc.
2. Evite impressões negativas: mascar, dar demonstrações de nervosismo, inquietação, ser áspero, etc.
3. Esteja convencido de que deseja o emprego e deixe o entrevistador notar seu entusiasmo.
4. Relate ao entrevistador tudo o que puder auxiliá-lo a fazer uma apreciação honesta de sua experiência e habilidade.
5. Traga um breve resumo já preparado, descrevendo sua experiência anterior, instrução, treinamento e referências pessoais.

Após concluído este processo, o passo final é manter-se informado. Volte com frequência para perguntar o resultado de seu teste. Muitos bons empregos são perdidos devido à falta de interesse do solicitante em

saber a tempo o resultado.

Presumindo-se que o júnior consiga o emprego, é possível que comece logo a falar em casar-se!

"Terei escolhido a moça certa?"

Entre 20 e 24 anos a grande maioria dos jovens escolhe uma companheira e casa-se. Pouco antes do casamento, ambos, o rapaz e a moça, atravessam sérias dúvidas. O rapaz pergunta a si mesmo vezes sem conta: "Será esta a moça certa?" Um conselheiro matrimonial responderá — "Análise sua escolhida".

E prosseguirá dizendo que quando um rapaz resolve cortejar uma moça, é geralmente mais por instinto do que por raciocínio. O melhor arranjo é conseguir a combinação certa. Se o júnior conhecer diversos tipos de moças, sua intuição o conduzirá àquela que mais provavelmente tem as coisas que sua personalidade exige. Os pais e parentes próximos talvez nem sempre concordem com a escolha e darão conselhos em concordância com isto.

O próprio rapaz talvez tenha dificuldades em justificar sua escolha e prolongue a corte para assegurar-se. Mas a experiência demonstra que comumente quando um rapaz forte, extrovertido e impetuoso escolhe uma moça delicada, inteligente, repousante, há talvez muito mais mérito na combinação do que a maioria dos circunstantes possa perceber. Dêsses dois a Providência pretende formar uma personalidade completa, totalmente integrada. Num sentido literal, esses dois "serão um". É com vistas a esse objetivo de unidade que a intuição os junta, cada um contribuindo com qualidades na qual o outro sinta força. Este é o papel do instinto. A seguir vem o papel da razão.

Existem diversas formas pelas quais o júnior poderá testar sua escolhida, a fim de assegurar-se de que está certo.

Em primeiro lugar, ele a conhece realmente? É fácil enlevado com ela à luz do luar, mas após a cerimônia, terá de viver com seu total padrão de conduta. Ele deve ter tido a oportunidade de vê-la numa marcha forçada, para saber o que acontece quando está com fome, cansada e irritada: que tipo de pessoa é de calças de brim, com um talde e uma escova na mão. Isto também ele irá desposar.

Em segundo lugar, ela o conhece realmente? Tem sido honesto com ela nos dias de namoro, ou mostrou-lhe uma fachada irreal? Nada mais importante para um casamento feliz do que relações honestas entre o rapaz e a moça durante os dias de namoro.

Em terceiro lugar, quanto têm em comum? O amor pode sobrepujar muitas diferenças, mas as tempestades da vida são demasiado grandes para se arriscar o navio nos escolhos submersos. Fatores comuns de raça, nacionalidade, educação, padrões sociais, ideais, atitude intelectual e objetivos últimos na vida podem representar papel importante no cimentar a unidade de um casal para enfrentar os ventos da adversidade que eventualmente soprarão sobre eles.

Quarto, têm as mesmas vantagens religiosas? Isto não significa apenas pertencer a mesma fé. Uma atitude mútua de seriedade com relação àquela crença é a chave vital. O casamento é basicamente uma instituição religiosa, que deve sobreviver através da construção dos elos espirituais que unem um casal, na

saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, na velhice e na juventude. Quando um rapaz quer desposar uma moça, deve perguntar a si mesmo, honestamente: "O alicerce espiritual para nosso casamento é seguro?" Se não, deve acautelar-se. A experiência comprova que a estabilidade do casamento pode bem depender disso.

Existem muitas outras questões que um rapaz pode levantar a respeito de sua escolhida, mas estas são as fundamentais. Se elas puderem ser todas respondidas favoravelmente, as possibilidades com respeito às demais serão de consequência menor.

Para o casamento prevalecer

Em muitas sociedades primitivas o casamento é uma instituição temporária e instável, baseada em capricho ou conveniência. Nas civilizações adiantadas, uma sólida vida familiar é a própria base dessa cultura mais elevada. O aumento do índice de divórcios indica que estão sendo solapados os esteios de uma nação. É obrigação de todos os jovens contrair matrimônio sãbiamente e planejar fazer de seu casamento um sucesso. Os conselheiros matrimoniais apresentam algumas sugestões que podem auxiliar. Por exemplo:

1. Comece direito. O casamento pode ser efetuado no templo, em cerimônia civil ou pela fuga de casa. Casamento no templo é a melhor forma. Todo o casal da Igreja deve procurar ser digno do casamento no templo. Ao passarem os anos, os cônjuges perceberão a beleza comovente de um matrimônio que é estabelecido para durar eternamente. Os convênios do casamento no templo oferecem muito mais proteção que os feitos em qualquer outro lugar. O próprio ambiente da cerimônia é imbuído da maior proximidade com os céus que os mortais podem alcançar.

2. Construa seu reino particular. Quando um rapaz desposa uma moça, ele adquire também toda a sua família. Deve então fazer todo o possível não apenas para ser aceito, mas também para ser uma fonte de orgulho para eles. E a moça deve agir da mesma forma com a família do espôso. Mas isto não quer dizer que devam viver com uma ou com outra!

Existe profunda sabedoria nas palavras da Escritura que declaram: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne" (Marcos 10:7-8). A moça deve também deixar sua mãe e seu pai. Quando marido e mulher estão isolados de seus antigos lares, têm muito mais probabilidade de contornar suas diferenças e fazer os constantes reajustamentos requeridos por um casamento feliz.

3. Estabeleça uma política monetária eficaz. Quem poderia enumerar os casamentos fracassados por causa de um cifrão? Problemas financeiros resolvem-se melhor quando o casal faz um acordo antecipado a esse respeito. Por mútuo consentimento, um dos dois deve ficar com a responsabilidade de manter um balanço no orçamento. Todas as despesas devem ser aprovadas por ambos. E como um é naturalmente mais extravagante que o outro, o controle deve ser deixado a cargo do cônjuge cuja inclinação é mais frugal. Deve-se mencionar de passagem que contas conjuntas representam conveniência para alguns casais, mas são um ninho de serpentes para muitos. Apenas casais bem disciplinados podem arriscar-se a mantê-las.

4. Acautele-se contra as armadilhas comuns do casamento. Em primeiro lugar há o problema do afastamento gradual. Às vezes a esposa pode dirigir sua casa com escrupulo demais para permitir uma vida feliz, de maneira que o marido procura outro lugar onde descansar e ler. Ou, pelo contrário, pode ser tão desmazelada que ele queira voltar aos velhos conhecidos, preferindo-lhes a companhia. Da mesma forma, um marido pode envolver-se tanto com negócios, questões cívicas, passatempos ou esportes que expulsa quase que completamente a esposa de sua vida, sem nem mesmo o notar.

Outra cilada em que podem cair é discutir sobre a educação dos filhos. Um pouco de conhecimento de psicologia infantil dará a ambos boa base para educá-los e discipliná-los e, assim, quando um dos pais der uma instrução o outro estará pronto a prestar apoio, sempre que necessário.

Existe também o conhecido problema de usar as crianças como "muro das lamentações". Isto ocorre quando um dos progenitores procura ganhar a simpatia da criança queixando-se do outro. Em suas consequências últimas este procedimento pode não apenas romper uma família, como também afeiçoar mais as crianças ao suposto ofensor. Sendo elas próprias bêbes chorões, não têm dificuldade de ler através da conduta de adultos choramingas. Se não perceberem logo de início, descobrirão mais tarde e o que fora simpatia pelas dores do progenitor transforma-se em repulsa.

5. Em último lugar, existe a cilada da paixão por outra pessoa. Isto é em geral imperdoável, mas dolorosamente real quando acontece. Resulta de flerte delibado, de escapadelas por aí ou apenas de se brincar com fogo. O jovem casal deve compreender que a atração física (que se distingue do amor genuíno) resulta proximidade e se negligenciarem seu amor mútuo, deixarão um vácuo que a Natureza procurará preencher com outra pessoa atraente, cuja presença será dinamite. Quase antes de se perceber estará formado o triângulo. Com o passar do tempo, a tristeza será o trivial da vida. É absolutamente certo que as coisas nunca mais voltarão a ser o que eram. Um belo sonho morreu.

Amor e fidelidade são irmãos gêmeos. A felicidade é sua mãe. Para proteger seu casamento, o rapaz e a moça devem ser zelosos do castelo que estão construindo. Seu "slogan" pode bem ser "Não se admite intrusos". Ambos devem cultivar as delicadas raízes do viver feliz em seu jardim particular. E com uma vida inteira dêsse esforço, o perfume sutil de mil memórias gloriosas emanará dele.

Num lar de dedicação e afeto, Deus tem pouca dificuldade de derramar suas melhores bênçãos, generosidade e benevolência.

Conclusão

Concluindo este breve resumo de normas de conduta e problemas com que se defronta um rapaz de 20 anos, não se pode deixar de reconhecer a complexidade das decisões vitais que ele irá tomar. Os próximos quatro anos são todos "anos de decisão". Nunca em sua vida foi tão importante para o júnior estar certo. Esta é uma tarefa que requer simpatia, compreensão e uma frente unida entre um rapaz e seus pais.

(Conclui no próximo número)

Mamãe Vive na Cozinha

Lael. J. Littke



Eu não tinha notado que mamãe era tão abusada em nosso lar até que Linda me chamou a atenção. Ela disse que também não o havia notado até a hora em que as professoras visitantes da Sociedade de Socorro apareceram e Cissie, de quatro anos de idade, abriu a porta para elas. A irmã Clayton perguntou se mamãe estava em casa e Cissie, apontando com o dedinho disse: “Ela está lá”, e acrescentou “mamãe vive na cozinha”.

Eu ouvi, mas nem prestei atenção, apenas provava como eu dava aquilo como certo, disse-me Linda mais tarde. Mas o que mais se poderia esperar de alguém com apenas dez anos? comentou ela. Linda já contava quinze anos e sabia até conjugar verbos, portanto, achei que ela devia saber o que estava dizendo.

Linda chamou papai para uma conversa naquela noite, enquanto mamãe punha Cissie na cama. Ela fez uma encenação dramática do sucedido, fazendo com que eu representasse a irmã Clayton, perguntando: “Sua mãe está em casa, Cissie?” Então Linda, no papel de Cissie, apontou com um elegante floreado do braço — do qual eu não me lembrava de jeito nenhum — e disse: “Ela está lá — mamãe vive na cozinha”, com uma voz rouca e profunda que não parecia muito com a de Cissie.

Papai ficou impressionado: “Cissie devia ir para o teatro”, disse êle.

Linda ignorou-o. “Aí está”, disse ela, “dito pela sinceridade sem embuços da inocência”.

“Será que essa inocência sem embuços é tão imaculada como a inocência singela?”, perguntou papai. Papai às vezes fala coisas muito esquisitas.

“É uma vergonha”, continuou Linda. “Mamãe nunca sai daquela cozinha”.

“Essa agora não”, disse papai coçando a cabeça. “Isto eu não concordo. Se bem me lembro um dia destes nós a deixamos sair para arrancar um dente”.

Linda suspirou. “Não brinque, papai. Claro que ela sai para fazer compras, ir à igreja e coisas assim, mas, figurativamente falando, ela está encurralada naquela cozinha. Cissie mostrou-nos isso. Como pela boca das criancinhas, poder-se-ia dizer”.

“É, poder-se-ia”, disse papai.

Linda animou-se. “Ela não devia ser forçada a desperdiçar sua vida naquela cozinha, fazendo um trabalho que qualquer criança de dez anos sabe fazer.

Até a Karen aqui”, disse ela apontando para mim.

“Eu não sei”, declarei zangada, sentindo que de alguma forma eu e mamãe estávamos sendo injuriadas. Para falar com franqueza, não sabia de lugar melhor para se passar a vida do que na grande e ensolarada cozinha de mamãe. Ela estava cheia de vasos de plantas, tapetes trançados e muitas coisas gostosas para se comer. As janelas, tôdas de um só lado, deixavam entrar o sol aos borbotões pela manhã, iluminando a mesa do lanche e penetrando em nossas próprias almas enquanto comíamos. Papai disse certa vez que o sol era apenas um símbolo de uma luz maior que se irradiava de mamãe, a qual, por sua vez, era um reflexo da luz de nosso Pai Celestial. Era muito bonito, apesar de eu não entender muito bem.

Mas Linda insistia em que mamãe era uma prisioneira.

“E o que você propõe para remediar isto?” perguntou papai.

“Estive pensando nisso todo o dia”, disse Linda, “e sugiro que deixemos mamãe voltar a trabalhar. Pelo menos durante o resto do verão, enquanto eu estou de férias para dirigir a casa e tomar conta das crianças”. Linda não se contava mais entre “as crianças”.

“Mamãe já trabalha”, disse eu. “Ela trabalha o tempo inteiro!”

“Exatamente”, disse Linda. “Mas qual a sua recompensa? Está apenas desperdiçando sua inteligência aqui, sem realizar nada. Cozinhar, lavar pratos, limpar a casa — ora, nós três podemos fazer isso sem nenhum problema e deixar mamãe livre para trabalhar e realizar suas ambições. Ela pode voltar para o jornal como a mãe de Corrine Blake e usar roupas elegantes, conhecer pessoas ... Um vez jornalista, sempre jornalista, o senhor sabe. O cheiro de tinta penetra no sangue”.

“Não parece muito saudável”, comentou papai.

Linda tinha um ar distante no olhar. “Mamãe escrevia uma coluna sobre noivas e casamentos e agora vive na cozinha a lavar pratos. Que decadência!”

“Já lhe digo o que vou fazer”, disse papai. “Vou falar com mamãe e ver como se sente ela. Dou-lhe o veredicto dentro de poucos dias”.

Linda amolava papai todos os dias para saber como iam as coisas. Disse que era mulher como mamãe e sabia que se sentiria como uma leoa enjaulada se es-

tivesse em seu lugar, sem nenhuma vida externa, como escola ou trabalho. Em minha mente eu imaginava mamãe medindo a passos os quartos da casa, como os animais do zoológico. O pensamento de que mamãe era tão infeliz porque tinha de ficar em casa e tomar conta de nós fazia-me sentir um tanto perdida e solitária. Ela não me parecia infeliz. Cantava alegremente pequenas canções enquanto trabalhava. Linda disse que isso era só para manter o moral.

Certa manhã, após o lanche, papai levantou-se. “Crianças”, disse ele, “e Linda”, acrescentou. “Desabituaado como estou de falar em público, gostaria de fazer um anúncio. Mamãe volta ao trabalho — o cheiro de tinta está em seu sangue” — e olhou para Linda que confirmou com a cabeça — “e seu antigo chefe a receberá de volta na próxima semana, para substituir uma moça que deixa tudo para tornar-se dona de casa”.

“Mamãe, que formidável”, disse Linda. “Isto lhe dará a possibilidade de realizar-se”.

“De volta à sofisticação e ao entusiasmo da vida jornalística”, disse mamãe. “Prepare-se, cheiro de tinta, lá vou eu”. Mamãe às vezes fala esquisito.

“E eu assumo o comando aqui em casa”, disse Linda. “Na primeira semana a senhora não porá o pé na cozinha senão para comer”.

“De acôrdo”, disse mamãe.

Cissie, que estava fazendo uma pequena montanha com o sal do saleiro, olhou para cima. “Linda vai ser a mamãe?” perguntou.

“Não”, disse mamãe, “eu continuarei sendo a mamãe”.

“A senhora não pode ser a mãe se não está aqui”, disse Cissie.

“Eu vou estar em casa depois do trabalho”.

“Assim não adianta”, disse Cissie. “Linda será a mãe”.

Cissie chegou até a chamar Linda por êsse nome no primeiro dia em que mamãe voltou ao trabalho. Era como brincar de casinha e Linda divertia-se representando seu papel. Ela mal ouviu as instruções que mamãe lhe deu e não quis nem mesmo deixar que ela fôsse à mercearia fazer as compras da semana no sábado. Disse que nós faríamos tudo na segunda. A única observação de papai foi que não seria justo surrupiar coisas da reserva para um ano que mamãe havia conseguido armazenar. Ele deu a Linda o dinheiro da semana e disse que com êle teria de comprar tudo o que precisávamos.

Depois que mamãe e papai saíram, Linda disse que iríamos imediatamente fazer as compras. Depois cuidaríamos da casa e iríamos a Lacoola Plunge para nadar.

As coisas não saíram bem como havíamos planejado. Levou muito mais tempo para fazer as compras do que pensávamos, principalmente porque fomos primeiro a uma loja de artigos esportivos e compramos novas roupas de banho para todos. Linda disse que havia mais dinheiro que o necessário para comestíveis e mamãe havia dito que podíamos distribuir o dinheiro como bem entendêssemos. No fim a comida era mais cara do que esperávamos, e, quando tudo foi somado, descobrimos que era preciso devolver uma caixa de sorvete e dois pacotes de pipoca ao merceiro, porque o dinheiro não dava.

Quando chegamos em casa Linda decidiu fazer um bôlo antes de lavarmos a louça do lanche da manhã e limparmos a casa. Ela havia-se esquecido de comprar baunilha, por isso nos mandou, a Cissie e a mim, para pedir emprestada uma colher de baunilha à senhora Blazer, vizinha do lado. Nós andamos com bastante cuidado, mas derrubamos a baunilha e Linda disse que apenas um par de ignorantes pensaria em trazer uma colher de chá de baunilha numa colher de chá. Eu perguntei de que outra forma poderíamos saber quanto trazer e ela disse que poderíamos ter medido e pôsto num copo. E comentou que realmente não se podia esperar muito de crianças.

Pôs o bôlo no forno sem a baunilha mesmo e nós esperamos ansiosamente que assasse. Linda espiava no fôrno de cinco em cinco minutos para ver se estava crescendo. Quando finalmente o tirou do fôrno, estava alto de um lado e fundo do outro. Linda disse que era culpa minha e de Cissie, por causa de derramar a baunilha, mas não importava, porque ela igualaria o bôlo com a cobertura. No jantar mamãe e papai comeram seu pedaço sem olhar para cima, mas Cissie e eu não conseguimos engulir o nosso. Parecia esponja encharcada. Linda disse que não sairíamos da mesa se não comêssemos até a última migalha e Cissie chorou e disse que não queria que Linda fôsse mais a mãe. Disse que ia fingir que era órfã enquanto mamãe estava trabalhando.

No dia seguinte esquecemos a Primária e eu estraguei meus 100% de comparecimento. Linda disse que não teria adiantado nada lembrar, porque ela não podia dirigir o carro para levar-nos. Ponderei que poderíamos ter ido com a sra. Blazer, que é a professora da classe de Cissie, mas Linda ficou zangada e disse que eu não podia esperar que ela pensasse em tudo, podia?

Na quarta-feira Cissie caiu do balanço e entrou em casa com sangue por todo o rosto e um machucado na cabeça. Linda disse que quando via sangue ficava querendo desmaiar. Eu também queria desmaiar, mas não sabia bem como, portanto limpei Cissie e derramei meia garrafa de mercurocromo sôbre o machucado. O líquido escorreu por todo o rosto e pescoço de Cissie e ficou ainda pior que o sangue. Cissie passou o resto da tarde sentada na porta da frente com a sombrinha de mamãe sôbre a cabeça. Quando mamãe chegou ela disse que um tigre a havia mordido em baixo do salgueiro e que era melhor mamãe ficar em casa para protegê-la.

Naquela noite não jantamos até bem tarde, porque Linda pôs a carne no fôrno apenas quinze minutos antes de mamãe e papai chegarem. Ela comentou que levava um pouco de tempo para se acostumar com essas coisas. Mamãe não disse uma palavra. Apenas se estendeu no sofá como uma grande senhora e falou que ia dar uma lida no último exemplar da Revista da Sociedade de Socorro e ir para a cama.

Na quinta-feira Linda e eu passamos a maior parte do dia atrás de Cissie. Ela fugia sem parar porque disse que Linda era mandona e não tinha graça nenhuma ficar em casa quando mamãe não estava.

No jantar, aquela noite, tivemos sobras da geladeira, porque todo o dinheiro para compras tinha-se ido e estávamos sem carne.

Na sexta-feira Linda disse que poderíamos apres-

sar-nos e limpar a casa correndo, para ir dar um mergulho em Lacoola Plunge, se Cissie abrisse seu porquinho e nos emprestasse algum dinheiro, já que nem Linda nem eu tínhamos mais um só centavo que fôsse dos nossos. Pensando melhor, disse ela, vamos nadar primeiro e depois voltar para trabalhar. O único problema foi que encontramos alguns amigos e ficamos até de tarde. Quando finalmente chegamos em casa, Linda disse-nos que teríamos que trabalhar depressa, se quiséssemos acabar antes das cinco e meia. A cozinha de mamãe, usualmente imaculada e alegre era uma balbúrdia total, porque tínhamos deixado os pratos sem lavar por dois dias e não havíamos esfregado o chão a semana toda. Roupas sujas que não nos tínhamos dado ao trabalho de levar para a lavanderia amontoavam-se perto da porta de trás.

Cissie foi encarregada de tentar esfregar o chão. Ela disse que não precisava porque Linda não era mãe e não mandava nela. Linda disse que se ela cooperasse, depois todos nós iríamos à sorveteria tomar uma soda, isto se Cissie tirasse um pouco mais de dinheiro do porquinho. Decidimos ir tomar a soda primeiro para ter mais energia no trabalho.

Quando voltamos para casa eram aproximadamente 3 horas da tarde. Linda correu para começar a lavar e passar a roupa, depois de me pedir para cozinhar um pouco de arroz. Ela disse que como não tínhamos carne, comeríamos apenas arroz e faríamos de conta que éramos chineses.

Eu pus uma panela de água para ferver e coloquei dentro um pouco de arroz. Virei o pacote inteiro, mas ainda não parecia ser suficiente para cinco pessoas, portanto, pus outro pacote. Aí a panela ficou bem cheia.

Cissie pegou um balde de água e ficou batendo nêlo com o esfregão uma porção de tempo, só para fazer a água espirrar, depois entornou tudo no chão e começou a esparramar com o esfregão.

De repente, ouvi Linda gritar. Correndo para a lavanderia, escorreguei no chão molhado. Cissie gritou comigo porque eu estava sujando seu chão limpinho.

Na lavanderia Linda tentava empurrar oceanos de espuma para dentro da lavadora. "Acho que usei detergente demais", disse ofegante. Estávamos contemplando o desastre desamparadas quando sentimos um cheiro de pano queimado. Linda correu para a tábua de passar e levantou o ferro que estivera usando, mas já era tarde. Havia uma grande marca escura numa das melhores camisas brancas de papai.

"Não faltava mais nada!" disse Linda. Depois de desligar o ferro, ela apanhou a camisa e mergulhou-a na espuma transbordante que agora já se espalhava pelos lados da lavadora e por todo o chão.

Cissie apareceu na porta. "Tem alguma coisa escorrendo pelo fogão todo, anunciou.

O "alguma coisa" era arroz. Arroz extravasando da panela e arroz rolando por todo o fogão, justamente como o detergente da lavadora. Havia arroz suficiente para alimentar meia China.

Levamos uma hora inteira para limpar a sujeira. Outra hora para lavar os pratos e fazer a cozinha de mamãe ficar apresentável. O resto do dinheiro de Cissie, no porquinho, deu apenas para comprarmos cinco pratos feitos na mercearia, a fim de substituir o arroz que não podíamos mais nem ver, depois de havermos

terminado de limpar o fogão.

Papai não gostou dos pratos feitos, mas comeu sem comentários. Linda mal provou o dela. Depois que os outros haviam acabado, ela limpou a garganta.

"Mamãe", começou ela, e parou. Começou a corar e parecia pronta a cair em prantos.

"Mamãe", soluçou, "não posso tomar seu lugar aqui em casa. Não sei ser economista, psicóloga, motorista, perita em eficiência, enfermeira, dirigente, raio de luz e não sei o que mais". E atirou as mãos para o ar em desespero.

Mamãe sorriu. "Não se aprende tudo de uma hora para a outra, meu bem", disse.

"É preciso prática, como qualquer outro trabalho".

"Sou um fracasso", disse Linda com uma lágrima solitária a escorrer pela bochecha. "Não fiz uma só coisa certa toda a semana".

"Ela fez sim, mamãe", disse eu, achando que alguma coisa precisava ser dita em sua defesa. "Ela fez algumas coisas certas". Não pude pensar em nenhum exemplo no momento.

Linda limpou a lágrima da face e continuou. "Eu achava que não era preciso muita inteligência para dirigir um lar e que a senhora seria mais feliz trabalhando em algo que exigisse mais capacidade, como a mãe de Corrine Blake".

"A mãe de Corrine Blake trabalha porque é viúva e tem que trabalhar", disse mamãe. "Eu não preciso e não quero, porque acho que meu trabalho como dona de casa e mãe exige tanta capacidade e é tão compensador como nenhum outro poderia ser. E meu trabalho na igreja é também muito estimulante. Minha recompensa chega a toda a hora, como quando vejo que minhas adoráveis filhas são tão boazinhas e generosas que estão dispostas a cuidar da casa para que eu possa ir trabalhar fora, porque acham que isto me fará mais feliz".

"Desculpe-me por ter feito a senhora voltar a trabalhar", disse Linda.

"Você não fez," disse mamãe. "Papai disse que você gostaria de tentar dirigir a casa e meu antigo patrão precisava de alguém para preencher a vaga até que chegasse a nova funcionária. Acho que você ganhou bastante respeito pelo papel da dona de casa e eu tive uma mudança de alguns dias para variar, de forma que tudo saiu muito bem. E estou de volta para ficar."

"Verdade?" disse Linda. "Não trabalha mais?"

"Não trabalho mais. O cheiro de tinta não chega nem aos pés do aroma de biscoitos assados."

Cissie tinha estado observando mamãe quietinha. "A senhora vai ser a mãe outra vez?" perguntou esperançosa.

Mamãe pegou-a no colo. "Claro que vou," disse ela. "Vou-me mudar já já para minha cozinha, que é o meu lugar", Cissie abraçou-se a ela. "E eu ficarei feliz de ceder o lugar a uma perita", disse Linda.

"Você está ficando adulta", disse papai. "Nós nos orgulhamos de você. Amadureceu muito esta semana."

Linda deu-lhe uma palmadinha na mão. "O suficiente para ver que se mamãe quer viver na cozinha, como diz Cissie, o arranjo não poderia ser melhor".

"Certo", disse papai.

Nós todos nos rimos e a cozinha ficou brilhante e alegre, apesar de o sol estar-se pondo.



As Coisas Nem Sempre Foram Assim

Bispado Presidente

Era tarde quando o bispo se despediu de seus conselheiros. Tinham tido uma noite cheia visitando alguns membros; reinava entre eles um espírito de grande harmonia nesta noite. Mas era tarde e, portanto, com um forte apêto de mão a cada um o bispo desapareceu na escuridão, deixando-os parados em frente da casa do segundo conselheiro. “Sabe, Jim, nem posso lhe dizer como estou grato de participar dêste bispado. Francamente, fiquei bastante surpreso quando fui escolhido para substituir o irmão Murphy, depois de sua mudança. Morando na ala há menos de um ano — bem, supus que ele chamaria alguém que vivesse aqui há mais tempo”.

O primeiro conselheiro sorriu e colocou o braço afetuosamente sôbre o ombro do companheiro. Gostava do irmão Larson; êle e o bispo tinham notado sua boavontade e entusiasmo logo após sua mudança para a ala. O primeiro conselheiro estava ciente também de que só depois de muita oração e jejum é que o bispo havia-se sentido seguro de escolher um membro tão nôvo para conselheiro.

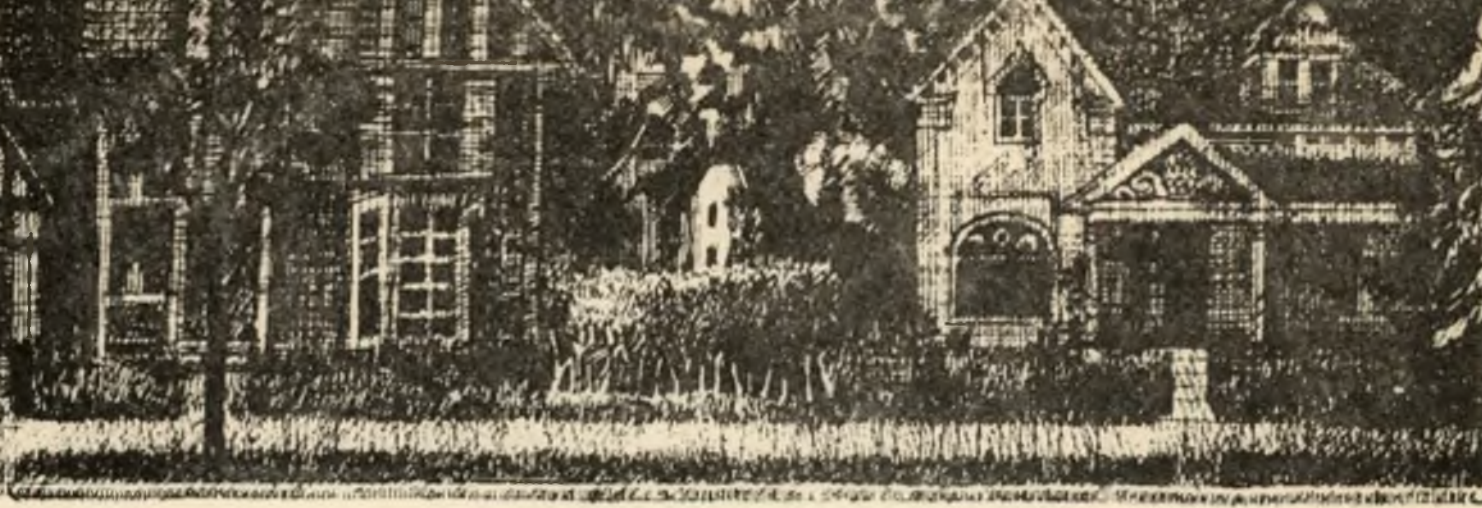
“Como disse”, continuou o irmão Larson, “nós conhecíamos bem os membros em nossas duas últimas alas, e eles eram realmente pessoas excelentes, mas não sei por que muitos nunca tiveram um bom registro de atividade na igreja como a maioria desta ala a'cança. Tenho tentado descobrir o que faz esta ala ser tão mais ativa que as outras. Mas estou intrigado; não consigo descobrir a razão, a não ser que temos uma sorte enorme de haver tantos bons líderes vivendo numa mesma área. Todos são tão interessados e ativos!”

O sorriso do primeiro conselheiro se ampliou. Êle deu um passo e saboreou por alguns momentos êsse louvor honesto. Talvez só êle soubesse como o bispo tivera de lutar para levar a ala àquele ponto. E, enquanto isso, um recém-chegado considerava o alto grau de atividade da ala como uma ocorrência meramente natural.

“Gostei do que disse”, replicou finalmente. “Admito que temos muitos líderes capazes, mas não faria muita fé no fato de ser uma simples coincidência estarem todos vivendo numa mesma área”.

Êle parou para esperar que suas palavras surtíssem efeito. “Sabe, irmão Larson, *as coisas não foram sempre como são agora*. Houve tempo, apenas uns dois anos atrás, em que ocupávamos o último lugar na lista da estaca. E não era preciso ler o relatório para notá-lo. A frequência dos membros à reunião sacramental era geralmente muito menor que a média.

A atividade no sacerdócio não parecia má, até que



se percebia quantos daqueles irmãos iam para casa durante a meia hora que antecedia a Escola Dominical e não voltavam.

“Sabe que temos a maior tropa de escoteiros do distrito? É verdade que dezessete águias ativos são um belo número, mas três anos atrás não se podia encontrar nem ao menos uma pessoa para liderar o grupo. E a razão porque o bispo e eu ficamos tão satisfeitos quando nosso côro foi solicitado para cantar na conferência da estaca é porque a presidência sabe que nossa ala está em condições de apresentar um grupo de quarenta pessoas que cantam com entusiasmo e nunca faltam a um ensaio. Mas houve tempo em que éramos a única ala da estaca que não possuía côro!” Novamente êle fez uma pausa para dar ênfase. “Não, irmão Larson, as coisas não foram sempre como são agora”.

Ambos continuavam parados ali no escuro. As luzes se apagaram numa casa do outro lado da rua, mas o segundo conselheiro estava ainda intrigado e curioso.

“Espere um pouco. Acho que o irmão está pintando o quadro com côres negras demais. Vocês sempre tiveram uma grande liderança morando nesta ala. Alguém não me disse que quando o bispo era superintendente da Escola Dominical da estaca sua espôsa era presidente da Sociedade de Socorro? Que sua espôsa era presidente da AMM e que o senhor liderava um dos maiores quoruns de élderes ativos das redondezas? O irmão Meeker não foi presidente de missão? E o irmão Dansie não estava na presidência da estaca antes de tornar-se patriarca? Parece-me que esta ala tem excelentes famílias”.

Os olhos do primeiro conselheiro brilharam enquanto êle dava um passo à frente e dizia: “Tem razão. Esta ala teve sempre algumas famílias ativas excelentes. Mas aquela hora o irmão disse que era uma “grande sorte” têrmos essa formidável liderança em nossa ala. E eu lhe digo que alguns de nossos melhores líderes não eram nem ativos nem líderes algum tempo atrás”.

O primeiro conselheiro explicou-se melhor ao declarar: “O que eu quero é dar crédito a quem de direito: ao bispo. Foi êle quem mudou esta ala de forma tão radical. O irmão veio de fora e observou que todos são tão extraordinariamente ativos, que o programa é cumprido tão plenamente. Ouça o que lhe digo, não foi sempre assim. Foi o *bispo* quem conseguiu tudo isto”.

“E o que foi que êle fez?” perguntou logo Larson.

“Quando o designaram bispo, a primeira coisa que fez foi desobrigar sua espôsa e a minha. A seguir disse ao irmão Murphy e a mim — com muita firmeza — que haveria apenas uma designação para cada pessoa

na ala e apenas uma posição de responsabilidade em cada família.

Quando pedi para dar ao irmão Haddock o cargo de superintendente da AMM o bispo disse que não, simplesmente porque a espôsa do irmão Haddock já era conselheira da Primária. Eu argumentei que o chamado de superintendente era o mais importante, mas o bispo disse: “A Primária já está organizada. Procure outra pessoa”. E foi isso o que tivemos de fazer: encontrar outra pessoa para muitas posições! Ora, quando reduzimos as designações a uma por pessoa (sem contar o ensino familiar, porque o bispo disse que êsse trabalho era privilégio do sacerdócio) faltou-nos liderança.

“Assim sendo, o bispo pediu aos secretários para fazerem um levantamento, elaborando uma lista com todos os que tinham e não tinham designação. Êle forçou-nos a levar em conta pessoas que eu sempre considerara totalmente desinteressadas. Mas quando fomos falar com elas, com humildade e prece em nossos corações, algo de muito extraordinário ocorreu-lhes e à nossa ala. Nós precisávamos delas e elas logo descobriram a alegria de se sentir necessárias, apreciadas”.

Mas o primeiro conselheiro não havia terminado de falar. E prosseguiu: “O bispo gosta de citar a'go que leu anos atrás, afirmando que uma das importantes funções da igreja é ajudar a aperfeiçoar os indivíduos. Êle sempre diz que quando lhes negamos a oportunidade de participar como líderes e professores, impedimo-los de descobrir as bênçãos maiores do evangelho. E quando começou a fazer os chamados parecerem algo muito especial — um para cada pessoa — as pessoas principiam a esperar e a conjecturar qual seria o *seu* chamado pessoal. Os membros fortes, reduzidos a uma só designação, puzeram nela tudo o que podiam; os menos experientes trabalharam com energia para ficar à altura da nova posição.

Quando procuramos o irmão Gary Clark para ser líder dos escoteiros, êle concordou prontamente e disse que faria o seu melhor. E disse mais, que esta era sua primeira designação verdadeira desde que havia ido ao templo. Eu me admirei. Com sua freqüência apagada, nunca supus que já tivesse sido ativo antes. Mais tarde descobrimos que êle nunca havia-se sentido parte de nossa ala; achava que ninguém precisava dêle, que ninguém se importava.

“Sim, tivemos muita “sorte”, como o irmão declarou, mas nossa sorte foi um bispo que se dedicou de verdade à tarefa de proporcionar oportunidades na igreja para *tôdas as famílias* da ala. Tudo deu extraordinariamente certo!”

COMO A ARANHA AJUDOU A SRTA. FACEIRA

Margery S. Cannon

A pequena Senhorita Faceira sentou-se numa touceira, comendo seu requeijão com coalhada. Nos ramos de uma árvorezinha, ao seu lado, uma aranha trabalhadeira consertava um canto de sua teia. Enquanto a aranha tecia, parecia ouvir a Senhorita Faceira fazer seus planos para aquele dia.

“Esta touceira de capim bem que poderia ser mais macia”, disse ela. “Farei uma linda almofada côr-de-rosa para pôr em cima dela. Depois pintarei algumas flôres na cêrca, a fim de que a vista fique mais linda. E acho que vou bater um bôlo de groselha para comer com meu requeijão e coalhada. É tão mais gostoso comer requeijão com bôlo! Oh, tenho tantas coisas que fazer hoje!”, disse a pequena Senhorita Faceira, enquanto escondia um bocêjo com a mãozinha e se ajeitava na touceira para ficar mais confortável. “Vou fazer tantas coisas hoje ... assim que acabar meu requeijão com coalhada”.

Enquanto a Senhorita Faceira, sentada em sua touceira, comia seu requeijão com coalhada, avistou a Pastorinha, que andava a pastorar. Ela vinha caminhando pela grama, procurando alguma coisa. Parece que apanhou alguma coisa nos arbustos, ao passar.

“Que é que você está procurando, Pastorinha?”

“Chumacinhos de lã que caem das minhas ovelhas”, disse ela. E arrancou um floco que estava prêso num





galho e guardou-no no bôlso. “Eu sempre procuro chumacinhos de lã quando pastoreio minhas ovelhas. Logo vou fazer uma almofada”, disse ela. “Uma linda almofada côr-de-rosa para minha cama. Quer vir comigo catar um pouco de lã?”

“Irei, dentro de um minuto”, sorriu a Senhorita Faceira. “Essa é uma das coisas que tenho de fazer hoje — assim que acabar de comer meu requeijão com coalhada”.



Sentada ali na touceira, a Senhorita Faceira avistou a Jardineira regando o seu jardim. “Ó jardineira, por que não estás triste hoje? O que foi que te aconteceu?”

“Minhas margaridas e rosas estão brotando tão lindas! Até a Camélia está viva no seu galho”, respondeu a Jardineira com orgulho. “Se você vier até à cêrca, posso dar-lhe algumas mudas para começar o seu jardim”.

“Vou logo”, sorriu a Senhorita Faceira. “Esta é uma das coisas que quero fazer hoje — assim que comer meu requeijão com coalhada”.



Sentada ali na touceira, a Senhorita Faceira viu o Padeirinho passar, carregando um lindo bôlo para servir no jantar.

“Para onde o senhor leva êsse bôlo?” perguntou.

“Assei êste bolão para dar a Narizinho que me espera no portão”.

“Está bem cheiroso”, comentou a Senhorita Faceira. “Eu também estive pensando em bater um bôlo hoje”.

“Venha comigo”, convidou o Padeirinho, enquanto seguia apressado seu caminho. “Eu posso lhe ensinar a fazer bôlo”.

“Irei dentro de um minuto”, sorriu a pequena Senhorita Faceira. “Essa é uma das coisas que quero fazer hoje — assim que coma meu requeijão com coalhada”.

A aranha laboriosa olhou para a Senhorita Faceira, que desperdiçava seu dia sentada ali na touceira. “Com tantas coisas que fazer, a Senhorita Faceira não deveria estar nesse lazer”, pensou ela. “Talvez ela precise de alguém que lhe dê um empurrão”.

Por tanto, lá foi a aranha e parou ao lado dela, pregando-lhe um grande susto. E acreditem, senhores, a Senhorita Faceira pulou de sua touceira e se pôs a trabalhar.



Um Sorriso para Cristabela

Blanche Bolshinski

O vizinho de Marcos, o sr. Adolfo, tinha uma vaca vermelha feiosa, chamada Cristabela. Todo o mundo, exceto o sr. Adolfo, dava uma boa risada quando a via. Ela tinha chifres desiguais, pêlo áspero, ancas ossudas e um ar patético na cara comprida e magra.

Os dois pontos fortes de Cristabela eram que ela produzia bastante leite espumoso e adorava música — se é que isso pode ser considerado vantagem para uma vaca.

Na hora de ordenhá-la, o sr. Adolfo ligava o rádio bem alto, no estábulo, para que a música pudesse ser ouvida no pasto. Quando Cristabela escutava, vinha correndo, dando longos e sonoros muuuuus pelo caminho. Dentro do estábulo ela parava completamente imóvel e ouvia.

Marcos também achava que Cristabela servia para uma boa risada até que se pai lhe disse que o sr. Adolfo queria que êle a levasse à quermesse.

“À quermesse?” gritou Marcos descrente.

“Ela vai alimentar bezerrinhos para o leilão”, explicou seu pai. “Muitos bezeros que estão na quermesse vieram de longe e precisam de uma mãe para alimentá-los. Cristabela será uma boa mãe”.

No dia seguinte, bem cedo, Marcos conduziu a feiosa Cristabela para o povoado através de estradas pouco transitadas. E deu um jeito de se insinuar pela cidade sem ser notado por ninguém que conhecesse. Finalmente, estava chegando ao local da quermesse quando, quase nos seus calcanhares, uma banda dobrou a esquina e irrompeu numa marcha vibrante.

Crianças, mães, avós e todos os seus parentes saíram correndo das casas para ver o fim da parada que se dirigia para a quermesse.

Cristabela, naturalmente, ficou fascinada com a música. Parou onde estava e não se moveu mais um milímetro. “Muuuuu”, mugia em agradecimento pela diversão. As crianças riram. “Muuuu”, mugiu a vaca.

A moça jogou uma rosa que caiu aos pés de Marcos. Antes que êle percebesse bem o que estava acontecendo, um garoto apanhou a rosa e enfiou-a sob o cabresto, no focinho de Cristabela. Agora todos já riam. Marcos sentiu as orelhas arderem. Gostaria de enterrar-se num buraco.

Só quando as vacas premiadas apareceram na rua é que Cristabela consentiu em andar. Pressurosamente juntou-se a elas, quase que arrastando Marcos consigo.

“Vejam a vaca premiada!” gritou alguém.

“Um prêmio surpresa”, disse outro.

Cristabela assentiu com a cabeça, soltou um “Muuuuu” para a banda e divertia-se à grande. Marcos puxou o chapéu sobre a testa, disfarçou o andar e ficou com vontade de abandonar aquela vaca maluca. Ainda

que ela não tivesse o bom senso de notar que estavam rindo dela, êle tinha!

Marcos pôs Cristabela no estábulo, disse aos encarregados que ela havia chegado e deixou-a ali. Viu seu melhor amigo, Hêlio, correndo para o cercado dos carneiros com outros amiguinhos e correu atrás dêles. Estava quase para dizer “Alô” quando os meninos começaram a rir.

“...e êle disse que ela estava com uma rosa nos cabelos...” ofegava Hêlio.

“E era mesmo Cristabela? Eu daria tudo para ter visto”, disse Pedro, virando-se para trás, enquanto acrescentava: “Onde está o Marcos?”

Marcos escondeu-se atrás de uma porta antes de ser notado. Manteve-se longe da vista tôda a manhã. Não andou de roda gigante, nem tentou o tiro-ao-alvo. Ficou mesmo lá pelo estábulo com Cristabela.

Ela era uma boa mãe substituta. Deixava os bezerrinhos mamarem e até lhes dava um amável “Muu” ocasionalmente. Marcos não podia deixa de gostar dela.

Ninguém parecia andar por perto depois do almoço e Marcos achou que o espetáculo devia estar começando. No meio da multidão êle estava seguro de poder arranjar um lugar onde nenhum conhecido pudesse vê-lo.

Felizmente, encontrou um bom lugar na primeira fila da arquibancada circular.

Houve duas demonstrações com cavalos, para iniciar; depois o prefeito falou e um “cowboy” de televisão apareceu numa plataforma sôbre rodas puxadas por garanhões pretos.

A banda começou a tocar novamente. Quando a música terminou e o prefeito se levantou para falar, ouviu-se um longo e sonoro muuuu, enquanto Cristabela aparecia trotando pela arena para ouvir a música.

“Oh, não!” Queixou-se Marcos de si para si, e encolheu-se todo no banco para não ser notado.

O gado premiado estava sendo trazido para o centro para receber as medalhas. Cristabela correu ao seu encontro para dizer alô às vacas gordas e lustrosas. Uma risada ou duas explodiram, depois a gargalhada foi geral. Um peão entrou no pátio e tentou pôr o cômico animal fora dali, mas Cristabela se desviava e corria em círculos.

“Não a faça correr”, implorou Marcos em silêncio. “Ela perderá o leite e não poderá dar de mamar aos bezerrinhos”. Mas Cristabela estava-se divertindo e todos gargalhavam.

Não riam. Ela é uma vaca boa e amável, pensou Marcos para si mesmo. E um segundo mais tarde pulava a cerca gritando “Ôooooo, Ôooooo”.

“Quietinha, Cristabela”, gritava. Depois começou a assoviar. Ela trotou para êle e parou.



Todos aplaudiram. Achavam que era do espetáculo, pensou Marcos. Sentiu-se corar. Olhou desamparadamente para o prefeito. Ele estava rindo e aplaudindo ao mesmo tempo. Havia apenas um forma de Marcos safar-se — era prosseguir com a representação.

Ele curvou-se para a vaca. “Música suave, por favor”, pediu à banda. Cristabela correu para os músicos e investigou uma clarineta. A um sôpro da trombeta ela enfiou o nariz na tuba.

Na saída passaram pelas vacas premiadas. Marcos comparou os chifres, cabeças e pernas dos animais e de sua vaca em pantomima, sempre indicando que a vencedora era Cristabela. Quando saíram do círculo, todos aplaudiram.

“E agora prossigamos com a parte mais séria do espetáculo...” Marcos ouviu o prefeito anunciar.

Enquanto fechava bem a tranca do estábulo de

Cristabela, para assegurar-se de que não escaparia outra vez, Hélio veio correndo atrás dêle.

“Foi formidável”, Marcos. Não sabíamos que você e Cristabela fariam parte do espetáculo”, disse Hélio. Temos procurado você por tôda a parte”.

“Ela veio para alimentar os bezerrinhos”, começou Marcos a explicar, mas seu amigo continuou falando.

“Você vem jantar conosco, não vem? Nós vamos à festa hoje à noite”.

“Encontro-me com você assim que tiver dado comida e água fresca a Cristabela”, prometeu Marcos.

Depois que Hélio se foi, Marcos ouviu a música tocar novamente na festa. “Muuuuu”, fez Cristabela.

Marcos riu e ajeitou a rosa murcha. “Agora sei porque você se diverte tanto, velhinha”, disse afetuosamente. “Quando êles riem, você se ri com êles. Esta é uma boa coisa para se lembrar!”

Mórmons Gaúchos Eleitos Líderes Universitários



João Batista Burnett

Antônio Carlos Martins da Silva

Foram eleitos líderes estudantis em preito recentemente realizado os dois únicos jovens mórmons que cursam a Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul. João Batista Burnett foi eleito presidente dos alunos da Faculdade de Ciências Sociais, e Antônio Carlos Martins da Silva foi eleito presidente da Faculdade de Jornalismo. Ambos os jovens são élderes muito ativos na Igreja; João é primeiro

conselheiro da presidência do Distrito de Pelotas e Antônio é o diretor de publicidade e de teatro do mesmo distrito.

O Pres. C. Elmo Turner, que acaba de deixar a presidência da Missão Brasileira do Sul, comentou que os diretores da Universidade Católica estavam "muito surpreendidos" com o resultado das eleições, uma vez que os dois jovens são os únicos mórmons da universidade.

Deputados Brasileiros em Visita a Salt Lake City

Estiveram em visita aos Estados Unidos, ocasião em que tiveram oportunidade de conhecer Salt Lake City, os deputados federais brasileiros Alípio Ayres de Carvalho, do Paraná, membro dos comitês de Minas e Energia e de Segurança da Câmara dos Deputados; Paulo Macarini, de Santa Catarina, vice-líder da oposição parlamentar; Djalma Aranha Marinho, do Rio Grande do Norte, presidente do Comitê de Justiça Constitucio-

nal da Câmara dos Deputados e do Grupo Brasileiro da União Inter-Parlamentar; Adolpho Barbosa Neto de Oliveira, do Rio de Janeiro, membro do Comitê de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados e José Edilson de Melo Távora, do Ceará, presidente da Comissão de Minas e Energia da Câmara dos Deputados.

Na foto, a delegação brasileira em visita à Praça do Templo acompanhados de guias turísticos e intérpretes.



Liderança de Arapongas Recebe o Evangelho



Da esquerda para direita, Élderes Stephen Taylor, Richard Winterton, David Lundburg; Srs. Sadaho Yokomizo, Luiz O. da Costa, Elder Kenneth Tyre.

Os missionários que estão trabalhando na cidade paranaense de Arapongas comunicaram ser excelente a aceitação que o Evangelho Restaurado vem tendo entre os moradores daquela cidade. Os Élderes Stephen Taylor, Richard Winterton, David Lundburg e Kenneth Tyre, da Missão Brasileira do Sul comunicaram também a maravilhosa cooperação que alguns dos líderes da cidade, Srs. Sadaho Yokomizo e Luiz O. da Costa,

vem prestando à propagação da palavra.

Cidade cosmopolita, Arapongas tem por tradição sido bastante hospitaleira, recebendo imigrantes da Itália, Rússia, Iugoslávia, Espanha e Japão. Plantada numa região próspera e de rápido desenvolvimento, tem à sua frente um grande e promissor futuro, ao qual a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não ficará alheia.

Três Brasileiros Formam-se na Brigham Young

Motivo de orgulho e satisfação para os membros brasileiros foi a graduação de três brasileiros na Universidade Brigham Young em junho último. Daniel Cavaleiro, gaúcho de Porto Alegre, graduou-se "cum lauda" em Psicologia da Educação e recebeu uma bolsa de estudos dessa universidade no valor de 1500 dólares, para continuar os seus estudos visando o doutorado.

Nelson Aidukaitis, também de Porto Alegre, formou-se em Jornalismo, tendo tam-

bém recebido uma bolsa de estudos da Universidade de Colúmbia, Nova York, uma das maiores da América, no valor de 3000 dólares, para ali continuar os seus estudos.

Wilson Lima, de Curitiba, graduou-se em Estudos Hispano-Americanos e planeja fazer pós-graduação em Brigham Young. Durante as férias de verão esteve a serviço do governo, em Wisconsin, lecionando Português aos voluntários do Peace Corps que se destinam ao Brasil.



Da esquerda para a direita: Daniel Cavaleiro, Nelson Aidukaitis e Wilson Lima, posando ainda de beca e borla.



DA JUVENTUDE PROMESSA

Excertos de um discurso proferido na Conferência de Junho da AMM, sobre o Tema para 1967-1968, pelo Elder Gordon B. Hinckley

Princípios de Inteligência

Meus queridos irmãos:

Agrada-me êste grande tema. É a declaração de uma verdade sagrada. Mais que isso, é um tema de esperança e de promessa. E gosto não apenas do verso escolhido, mas daquele que imediatamente o segue: “E se uma pessoa, por sua diligência e obediência, adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro”. (D. & C. 130:19). Terá jamais algum profeta expressado de maneira mais clara e cheia de esperança uma promessa relativa à natureza eterna da inteligência e do conhecimento do que esta externada por inspiração divina pelo profeta Joseph Smith? Instruir-se constantemente é um desafio para os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. E para vocês, que estão incumbidos da motivação de nossa juventude, para vocês é um desafio especial, o de patrocinar e alimentar o aprendizado nos jovens. Aprendizado de que? De matemática, física, química, astronomia, medicina, comércio, história, ciências seculares? Sim, eu creio que sim. Elas são extremamente importantes. Nosso mundo seria tão mais pobre, nossas vidas tão mais nuas sem a contribuição dos cientistas e o dom de nossos artistas! Eu creio que Deus nosso Pai, que ama seus filhos, deseja que vivam confortavelmente e aproveitem as boas coisas da terra. Mas nosso conhecimento dos assuntos seculares não nos salvará. E torna-se cada vez mais evidente que, a menos que êsse conhecimento seja adequadamente empregado, poderá

“Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida surgirá conosco na ressurreição”.

Doutrina & Convênios 130:18.

até destruir-nos. O mundo está repleto de patifes brilhantes, velhacos instruídos que, se alguém há de ir para o inferno, êles irão. Eu creio que êsse conhecimento de que o tema fala diz mais respeito ao coração e ao espírito.

O lema da AMM é: “A glória de Deus é inteligência”. O restante da sentença da qual êle foi tirado esclarece-o de forma significativa. “A glória de Deus é inteligência, ou, em outras palavras, luz e verdade”. (D. & C. 93:36). Eu creio que agrada ao Senhor que estudemos as ciências seculares e as artes, a história dos povos e seus problemas. Tudo isto afeta o progresso de seu reino. Certamente Deus nosso Pai, em sua infinita sabedoria, tem conhecimento disto tudo. Se cremos que “como Deus é, o homem pode se tornar”, então é melhor sermos diligentes em ampliar nosso conhecimento. É por esta razão que a igreja gasta tão grande parcela de seus recursos com a educação e dá tanta ênfase ao valor do estudo em seus ensinamentos. Certamente, se quisermos atingir a condição da divindade, teremos de ampliar nosso conhecimento das forças que governam o universo de Deus.

Porém, mais importante que isto são os grandes princípios de inteligência nos quais se baseia o progresso eterno. São êsses valores que tornarão nossa atual sociedade permanente e assegurarão nosso progresso eterno até a perfeição. Êsses são os grandes princípios de inteligência que se erguerão conosco na ressurreição e que vocês, como líderes, podem e devem inculcar e

estimular na juventude. Desejo citar aqui quatro dentre os muitos princípios que podem ser analisados:

1. O princípio da dedicação.
2. O princípio da virtude.
3. O princípio da integridade.
4. O princípio da fé.

Permitam-me dizer-lhes algumas palavras sobre cada um. Primeiramente, o *princípio da dedicação*.

Impressionou-me muito, alguns anos atrás, a declaração de um renomado escritor. Em essência ele disse que a razão da maioria dos problemas da humanidade podia ser encontrada numa pequena pergunta comumente formulada em resposta a qualquer pedido para se prestar um serviço. Peça a alguém para servir nesta ou naquela causa, para dedicar seu tempo e seus dotes, e a resposta usual será: “E o que é que eu ganho com isto?” Estou feliz por poder afirmar que isto nem sempre ocorre. Jesus declarou: “Aquele que quiser ganhar a sua vida, perde-la-á. Aquele que perder sua vida por amor de mim, acha-la-á”. O servir é a chave do progresso. Mas nem sempre é fácil aceder. Nós podemos sentir-nos inteiramente inaptos. Eu encontro conforto e segurança na experiência de Moisés. O Senhor chamou Moisés para livrar Israel do Egito. Podem imaginar tarefa mais assustadora? Ele ordenou-lhe que fosse a Faraó e pedisse para libertar seu povo. Ouçam a resposta de Moisés: “Ah, Senhor! eu não sou homem eloquente... porque sou pesado de boca e pesado de língua”. E disse-lhe o Senhor: “Quem fez a boca do homem? Vai, pois, agora e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar.” (Êxodo 4: 10-12). Estou convencido que a aceitação de responsabilidades resulta em educação, num princípio fundamental de inteligência, do tipo que surgirá conosco na ressurreição. Sem essa disciplina não há crescimento nem progresso.

Passarei agora rapidamente para o segundo princípio; o da *virtude*.

Se jamais houve um princípio com promessa eterna, esse princípio é o da virtude.

Sentava-se à frente de minha mesa outro dia um excelente rapaz. Era alto e bem aparentado. E estava profundamente triste. Impensadamente havia violado um grande e sagrado dever, sendo imoral. Ele me perguntou com lágrimas nos olhos se o Senhor jamais o perdoaria. Eu lhe disse que perdoaria. “Espero que sim”, respondeu ele. “Espero que sim”. “Mas eu nunca poderei perdoar-me”, acrescentou. Há algo de permanente no sentimento de vergonha e tristeza proveniente da imoralidade. A falta de castidade é a corrupção do homem e a destruição da mulher e é eterna em suas consequências.

Eu estava na sala superior do Templo; estavam ali reunidos quase dois mil rapazes. Eram todos estudantes universitários, futuros líderes profissionais. Muitos estavam jejuando. Eram reverentes e sóbrios, limpos de corpo, bem vestidos. Cada um havia assegurado a seus líderes religiosos que era moralmente puro. Era uma visão de trazer lágrimas de orgulho aos olhos, verificar que existem nesta terra e nestes tempos rapazes tão capazes, tão belos, inteligentes, decentes, puros e cheios de promessas para o futuro. Contemplando-os, veio-me à mente a admoestação do Senhor: “Que a virtude adorne teus pensamentos incessantemente; então

tua confiança se tornará forte na presença de Deus...” “O Espírito Santo será teu companheiro constante; e teu domínio será um domínio eterno, e sem medidas compulsórias fluirá a ti para todo o sempre”. (D. & C. 121: 45-46). Deus os abençoe, meus irmãos e irmãs, com a capacidade de instilar na juventude o grande princípio da virtude, cujos frutos são eternos.

Passo agora para o princípio da integridade.

Encontrei um impressionante comentário a respeito de nossos tempos feito por Barbara Tuchman, prêmio Pulitzer de história. Diz ela: “No que diz respeito a líderes, nós temos até superabundância... Eles pululam por aí procurando obter unanimidade, tentando ganhar o maior número possível de adesões. Mas o que não estão fazendo, de maneira clamorosa, é permanecer em seu lugar e dizer: Eu creio *nisto*... Existe uma abdicação à liderança moral, no sentido de uma indisposição geral em estabelecer padrões... Somos demasiado inseguros de nós mesmos para afirmá-los, para permanecer com eles e, se necessário... impô-los. Parece que estamos sendo afligidos por uma relutância corrosiva e muito difundida de tomar posição a respeito de quaisquer valores, morais, comportamentais ou estéticos”.

Nossos pesquisadores operaram extraordinários milagres. Moléstias temíveis como a difteria, o sarampo e, recentemente, a poliomielite foram praticamente erradicadas da terra. Já podemos enviar foguetes à lua e circundar a terra no espaço sideral. Mas, enquanto o fazemos, a corrupção progride, a desonestidade se alastra entre a população, nossas prisões se enchem cada vez mais e a integridade torna-se qualidade cada vez mais rara. Como necessitamos cultivá-la entre nossa juventude! Isto para mim é um princípio de inteligência, de valor incalculável no momento atual, eterno em suas consequências.

Tenho tempo para dizer apenas uma palavra sobre o princípio que é a base de todos os outros — a fé. E com isto quero dizer a fé em Deus, nosso Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo.

Este é o alicerce das demais virtudes. Sem ele elas não têm condições de florescer. Reciprocamente, se um homem tem uma fé viva e vibrante em Deus como seu Pai e Criador, a quem algum dia deverá prestar contas, haverá em sua vida uma disciplina que nutre as grandes qualidades de caráter das quais falamos e muitas mais.

O mundo está à mingua de fé nesse Deus vivo. Ensinem fé, meus irmãos, ensinem fé à geração que se forma. Ensinem que Deus vive e que premia os que o servem em retidão. Ensinem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Redentor vivo do mundo. Ensinem essas verdades agora com a convicção de quem as aplica em suas próprias vidas e testemunhos. Esta é a inteligência, esta é a sabedoria que nos guiará na vida e ressurgirá conosco na ressurreição.

O registro das escrituras é claro em afirmar que os que estiverem imundos na ressurreição ressurgirão imundos; os que foram fortes, os que adquiriram as grandes qualidades de caráter tornar-se-ão imortais com essas mesmas qualidades transcendentais...” e se uma pessoa, por sua diligência e obediência, adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro”.



Vencedor do concurso de contos juvenis de The Improvement Era, este conto mereceu para a sua autora um bolsa de estudos na Universidade Brigham Young. Antes, porém, a autora cumprirá missão no leste do Canadá.

Dias da Guerra Total

Louise T. Lindorf

“...NÃO HÁ CRISTO!” gritou o prisioneiro. E foi pôsto à parte para receber mais doutrinação.

Nas sombras um dos amigos do prisioneiro olhava, com lágrimas nos olhos. A garganta lhe doía, mas silenciou os soluços que se formavam. Eles não ouviriam nem um som. Não podia deixá-los apanharem-no. Tinha de fugir — depressa. E no entanto permaneceu ali, aguardando para ver a sorte de seu outro amigo, o prisioneiro que foi trazido a seguir.

As vozes silenciaram. Apenas os grilos perturbavam a quietude do ar frio da noite. Então o chefe pediu ao segundo prisioneiro para manifestar sua posição.

Após uma pausa, êle respondeu: “Vocês têm um sistema totalmente corrupto. Não quero fazer parte dêle. Nem negarei o Cristo. Deus vive!”

“Matem-no! Matem-no!” gritavam.

O amigo do prisioneiro virou o rosto. Sabia o que viria a seguir e não queria ver. Mas não pôde deixar de ouvir o grito angustiado. Ele continuou ecoando em sua alma, enquanto caminhava furtivamente nas sombras da noite.

Ambos os amigos estavam mortos agora, cada um à sua maneira — apesar de êle ter feito todo o possível para salvá-los. “Salvá-los para quê?” pensou amargamente. “Para êste tipo de vida? Para viver constantemente atemorizado como eu vivo, saindo apenas à noite, escondendo-me durante o dia, sem amor, sem esperança?”

Mas êle tinha algo que executar antes de morrer. Era isto que o fazia prosseguir, noite após noite. E não estava realmente desamparado. Sabia que ainda tinha um amigo: o Senhor.

Os inteligentes há muitas décadas já vinham morando dos “não esclarecidos” que ainda viam algum bem na religião tradicional. Mas êle *sabia*. Os outros de-



nominavam a isto credulidade e teimosa superstição, mas êle sabia que tinha todo o motivo para confiar em sua religião — como poderia voltar-se contra ela? Quando seus inimigos o apanhassem, êle sabia o que iria dizer.

Examinou as colinas vazias ao seu redor. Num vale adiante viu uma cidade em ruínas — só destruição. Por quê? Que acontecera a seu país? Sua nação havia sido uma das melhores do mundo por longo tempo. Nunca tinha tido reis. “Mas as pessoas não servem para a democracia”, pensou com amargura. “Exige demasiado delas”. Os próprios cidadãos haviam-se unido aos inimigos de longa data para aniquilar a civilização que êle amava.

Antes, durante a Grande Guerra, havia um meio de rechacá-los. Êle havia tentado. Seu pai fôra general naquela grande guerra, destinada a acabar com tôdas as guerras. Mas já morrera.

Agora o filho andava desamparado pela terra deserta. Mas seria mesmo deserta? Que árvore abrigaria uma sentinela inimiga?

Suas pernas doíam, mas fê-las continuar movendo-se depressa. “Uma após a outra — vamos! Preciso chegar hoje à caverna. Amanhã êles podem me encontrar... Vamos; continuem! Vamos!” Uma dor aguda atravessou-lhe a perna. Havia torcido o tornozelo. Mas prosseguiu coxeando, porque precisava concluir as memórias que estava escrevendo.

E continuou a andar pela noite a dentro. Em pouco começou a reconhecer o terreno. O cenário lhe era familiar. Estava-se aproximando do lugar em que passara sua infância. Não havia senão algumas guerrilhas esparsas naquela época e êle havia feito longos passeios, vagueando por essas montanhas. Logo chegaria e poderia trabalhar nos registros que pretendia deixar para o povo que viesse após êle.

Um vento gelado soprou ao seu redor e avançou para as escarpas rochosas da vastidão abandonada. Era difícil que alguém aparecesse. A maioria das pessoas havia morrido na Grande Guerra. Mulheres e crianças haviam lutado lado a lado com os homens; o mundo inteiro, numa guerra total. Os poucos que restaram vagueavam em bandos selvagens, depravados. Mas algo lhe dizia que pessoas inteligentes um dia haveriam de encontrar o que êle escrevesse. Talvez séculos se passassem, mas outro povo... algum dia... algum lugar...

“Ali”, gritou uma voz.

Inimigos! O homem imediatamente atirou-se ao chão. Te-lo-iam visto? Rastejou sem ruído. Tinha que

se afastar do lugar onde o haviam avistado. Se conseguisse abrigar-se naquela fenda entre as rochas ali em frente! Que louco fôra permitindo-se divagar! Depois de haver chegado até ali — quase tinha conseguido! Mas agora êles o apanhariam com certeza, especialmente porque havia luar.

Talvez não. Conseguira chegar às rochas. Mas não — a fenda era pequena demais. Não conseguiu enfiar-se atrás da grande pedra. Era mesmo tarde demais para tentar. Êles já haviam chegado ao local onde estivera um minuto atrás. Mergulhou na sombra. Um seixo estalou e rolou montanha abaixo.

“Que foi isso?” perguntou um soldado.

De seu esconderijo o homem orava interiormente.

Os soldados procuravam ver se alguém estava ali em cima, entre as pedras. Aí um dêles disse: “Ora, para que passar a noite caçando fantasmas. Vamos voltar. Talvez seja apenas um animal. Se fôr um homem, nós o apanharemos pela manhã”.

Pausadamente o som das pisadas morreu na distância. Êle atravessou o último vale e entrou na caverna em que havia escondido os registros vinte anos atrás.

Conseguiria! Abaixou a cabeça e agradeceu a Deus. Depois tomou as folhas de metal e o buril. “Êste metal resistirá”, pensou com satisfação. Abriu as folhas em algumas partes que seu pai havia escrito e releu-as para entrosar-se. Reconheceu logo a diferença entre a linguagem coloquial e o estilo formal dos registros. Notou também que as expressões individuais não se destacavam; havia apenas a poderosa mensagem:

“E impossível é que consiga a língua do homem descrever ou consiga o homem escrever uma perfeita relação da horrível cena de sangue e carnificina desencadeada entre o povo...” (Mórmon 4:11).

“...porquanto não se tinham arrependido de suas iniquidades...” (Mórmon 5:2).

“(E o Senhor) não permitiria que deixasse de acontecer o que Êle falou a nossos pais, quando disse: Enquanto não guardardes os meus mandamentos, não prosperareis na terra...” (Omni 6).

Depois apanhou o buril e escreveu:

“...E exorto-vos a que vos lembreis destas coisas; porque se aproxima rapidamente a hora na qual sabeiis que não minto, porque me vereis no tribunal de Deus; e o Senhor Deus vos dirá: Não vos declarei minhas palavras, que foram escritas por êste homem, como se alguém estivesse gritando do meio dos mortos, sim, como se alguém estivesse falando do pó?...” (Moroni 10:27).

Porque os Mórmons...

(Continuação da página 15)

reação da Igreja em todo o mundo, com a subsequente perseguição aos que se mantivessem irredutíveis, e disto restaria uma volumosa documentação histórica, como acontece com relação às demais perseguições. Essa documentação absolutamente não existe.

Seria igualmente de se esperar que as igrejas orientais e africanas, distantes de Roma e por isso independentes para prosseguirem com suas próprias tradições, tivessem conservado a suposta prática antiga de guardar os sábados à maneira judaica. Tal fato entretanto não se deu: a tradição oriental, tanto quanto

a africana, seguem exatamente a mesma linha no que se refere à guarda do domingo.

Outro fato inexplicável seria a infidelidade dos cristãos, em face da fidelidade dos judeus que viviam dentro do Império Romano, igualmente perseguidos pelos governantes. Como e por que se teriam êles conservado firmes na fé e tradições de seus antepassados quanto à guarda dos sábados, enquanto os cristãos se teriam movido tão facilmente da prática antiga a uma submissão abjeta às imposições do imperador, aceitando um dia pagão para cultuarem o seu Deus, em lugar daquele que lhes teria sido imposto pelo próprio Salvador?

(Continua no próximo número)

Os Corações dos Filhos



A primeira revelação miraculosa dada ao profeta Joseph Smith, a da visitação do Pai e do Filho, foi seguida três anos mais tarde da visitação de Moroni, um profeta e líder que viveu na América cerca de 400 anos após a morte de Jesus Cristo.

Nesse prelúdio à restauração do evangelho, Moroni revelou ao futuro profeta a obra que Deus tinha reservado para êle. Após transmitir ao jovem as informações necessárias a respeito das placas do Livro de Mórmon e seu conteúdo, salientou para Joseph Smith a importância das antigas profecias que haviam sido reveladas pelos profetas do passado.

Citamos escritos de Joseph Smith: "Depois de dizer-me estas coisas, começou a citar as profecias do Velho Testamento. Primeiro citou parte do terceiro capítulo de Malaquias; e citou também o quarto ou último capítulo da mesma profecia, embora com pequena variação do modo que se lê em nossas Bíblias. Em vez de citar o primeiro versículo conforme está em nossos livros, êle citou-o assim: "Pois eis que vem o dia que arderá como fornalha; todos os soberbos e todos os que obram impiedade serão queimados como restolho; os que vieram os abrasarão, disse o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo". E também citou o quinto versículo assim: "Eis que eu vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor". Citou também o seguinte versículo diferentemente: "E êle plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais e os corações dos filhos voltarão aos pais; se assim não fôr, toda a terra será totalmente destruída na sua vinda". (PGV, Joseph Smith 2:37-39).

Assim, podemos ver que a obra de salvação pelos vivos e pelos mortos era de importância tal que Deus houve por bem enviar seus mensageiros com esta importante informação, antes mesmo de a Igreja de Jesus Cristo ser restaurada sobre a terra. Esse trabalho era de tal monta na restauração que Joseph Smith, o profeta, foi levado a afirmar que era a responsabilidade mais importante que Deus havia colocado sobre nós; isto é, procurar os nossos mortos.

Em cumprimento da afirmação profética de Mo-

roni, o profeta Joseph, juntamente com Oliver Cowdery, recebeu uma visitação pessoal de Elias o profeta, como fôra predito. Descrevendo a inesquecível experiência, o irmão Joseph disse: "Depois que esta visão se encerrara (isto é a visitação de Elaias), outra e gloriosa visão fulgurou sobre nós; pois Elias, o profeta que foi trasladado aos céus sem ter experimentado a morte, estava em pé diante de nós, e disse: Eis que chegado é o tempo exato do qual falou Malaquias — testificando que êle (Elias) seria enviado antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse. Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não fôsse ferida com uma maldição — Portanto, as chaves desta dispensação são postas em vossas mãos; e por isto podereis saber que o grande e terrível dia do Senhor está perto, sim, às portas". (D. & C. 110:13-16).

Assim foram restauradas as chaves da autoridade para realizar trabalho vicário pelos mortos, o que colocou sobre cada pessoa que se torne membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a solene incumbência e responsabilidade de procurar os registros de seus parentes falecidos.

Na Conferência de outubro de 1891 o presidente Wilford Woodruff disse: "Quanto mais luz possuímos, mais revelações de Deus recebemos, mais apreciamos êsse privilégio. É uma grande bênção vivermos na carne nesta última dispensação da plenitude dos tempos; e por toda a parte, onde quer que sejam abertos os corações para a compreensão dessas bênçãos, todos trabalharemos na medida de nossas oportunidades, para cumprir êste dever para com nossos mortos. Eu não deixo ir para o mundo espiritual e encontrar-me com meus progenitores para ouvi-los dizer: "Você tinha as chaves de minha redenção e minha salvação e negligenciou êsse trabalho, por isso não estou redimido".

Nós instamos com os santos de todas as partes para que aceitem esta designação divina e comecem a trabalhar nesta obra extraordinariamente grande e gloriosa. Grandes são as nossas promessas, se nos esforçarmos por cumprir esta designação. Os profetas de Deus declararam que obteremos ajuda especial de nossos entes

queridos, que estão interessados nesta obra de salvação e libertação, se nos esforçarmos por fazer a nossa parte.

Nossos entes queridos aguardam além do véu que essa obra seja executada em seu benefício. E, no entanto, muitas vêzes ouvimos alguns bons irmãos lamentarem-se pelo fato de terem ido tão longe quanto possível nesta obra e não encontrarem mais nada. Isto não deve ser desculpa, não pode servir como desculpa, pois com esta explicação estamos negando o poder de Deus e as promessas que fêz aos filhos dos homens. Não disse Ele em conselho ao profeta Joseph Smith: “Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que Eu digo; mas, quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma”. (D. & C. 82:10).

Citemos as palavras do Elder Parley P. Pratt a respeito do poder dos que estão no mundo espiritual e a ajuda oculta que nos prestam quando persistimos em retidão. “Ó, que indescritível bênção é o ministério dos anjos ao homem mortal! Que agradável pensamento o de que muitos que ministram a nós, e olham por nós, são nossos parentes próximos, nossos pais que morreram foram levantados em eras passadas, e que olham por seus descendentes com todo o cuidado paternal e solicitude que caracterizam os pais afetuosos da terra”.

Triplamente feliz é aquele que pode reclamar legitimamente seu cuidado e cuja conduta não os magoa nem constrange a se afastarem de seu precioso encargo.

(Key to Theology, página 115).

Se nos compenetrarmos disso para executar esta obra, o Senhor abrirá o caminho para nós, a fim de encontrarmos nossos ancestrais. Haverá muito poucos que o Senhor não nos possa apontar o caminho para descobrir, se é que haverá algum. O presidente Wilford Woodruff, na Conferência Geral de 18 de abril de 1894, falando a respeito do selamento de nossas famílias e de como os ancestrais do profeta Joseph Smith se filiariam todos à igreja quando ela lhes fôsse pregada no mundo espiritual, declarou: “Assim será também com vossos pais. Haverá muito poucos que não aceitarão o evangelho, se é que haverá algum”.

Concluimos nosso apêlo a todos os santos, para que aceitem os sagrados ritos e privilégios que lhes foram conferidos por um Pai bondoso, com as palavras de Isaías: “Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus, e os estendeu, e formou a terra, e a tudo quanto produz: que dá a respiração ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela. Eu o Senhor te chamei em justiça, e te tomarei pela mão, e te guardarei, e te darei por concerto do povo, e para luz dos gentios; para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os prêso, e do cárcere os que jazem em trevas. Eu sou o Senhor; êste é o meu nome; a minha glória, pois, a outrém não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura”. (Isaías 42:5-8).

Escola Dominical

Hinos de Ensaio

Os hinos de ensaio para o mês de dezembro, na Escola Dominical Sênior e na Escola Dominical Júnior, deverão ser hinos de Natal apropriados.

Jóias Sacramentais de Dezembro

Escola Dominical Sênior

“E, depois de terem êles comido, ordenou-lhes que partissem o pão e o dessem ao povo”.

(3 Nefí, 20:4)

Escola Dominical Júnior

Disse Jesus, ... “Orai, para que não entreis em tentação”.

(Lucas 22:40)

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais de Dezembro

Andante

Robert M. Cundick



FÁBULAS de ESOPO a leoa

NET HANMER

BILL WALSH

TENHO DUAS MARAVILHOSAS CORCINHAS, SÃO LINDAS.

VOCÊ SO' TEM DUAS? EU TENHO UMA BELA NINHADA DE TRÊS FILHOTES

EU TENHO QUATRO LINDOS LINCEZINHOS PARECIDOS COMIGO.

EU TENHO CINCO LOBINHOS MUITO ESPERTOS.



HA! EU TENHO UMA NINHADA MUITO MAIOR. SEIS COELHINHOS SAUDÁVEIS E VIVAZES.

EU SIM É QUE TENHO UMA GRANDE NINHADA. OITO DOMINHAZINHAS ESPERANDO-ME EM CASA.

ISSO NÃO É NADA! EU TENHO UMA NINHADA DE DEZ!

E VÁRIAS NINHADAS POR ANO!



QUANTOS FILHOTOS VOCÊ TEM, LEOA?

APENAS UM—

MAS ESSE UM É UM LEÃO

QUALIDADE É MAIS IMPORTANTE QUE QUANTIDADE



A ÚLTIMA PALAVRA

Uma turma de malandros resolveu imprimir dinheiro por conta própria, mas por algum engano, imprimiram uma porção de notas de 15 cruzeiros. Um dos espartalhões sugeriu que estas notas fôsem passadas nas lojas dos caipiras.

Um dos malandros foi então a uma loja de um caipira e deu-lhe uma nota de 15 cruzeiros para pagar uma compra de 30 centavos. Para sua surpresa recebeu de trôco duas notas de 7 cruzeiros e duas moedas de 35 centavos.

Era um homem tão distraído que certo dia comeu o guardanapo, limpou os lábios com o bife, mexeu o café com o charuto e fumou a colherzinha.

Vivemos feitos, não anos; pensamentos, não suspiros; sentimentos, não números. Deveríamos contar o tempo em batidas do coração. Vive mais o que mais pensa; sente-se mais nobre o que melhor age.

Philip James Bailey

A hipocrisia tem dois efeitos: Faz com que o mau oculte a sua maldade com medo do bom homem, e faz com que o bom oculte a sua bondade com medo do mau homem.

Descobri uma nova maneira de enganar os diplomatas: Digo-lhes a verdade e eles jamais me acreditam.

Cavour

A melhor maneira de proferir a última palavra numa discussão é dizer: "Você tem razão".

Um jovem arranjou um emprego numa fábrica. Ao receber seu primeiro salário, disse-lhe o patrão em tom de conselho:

"O salário de cada empregado é segredo. Se eu fôsse você, não diria a ninguém quanto ganho".

"Pode deixar que não digo nada", replicou o jovem. "Acho que estou mais envergonhado que o senhor".

Os alpinistas amarram-se uns aos outros porque há maior segurança em grupo — e também impede que os menos doidos voltem para casa.

Muitos garotos são a exata espécie de menino com os quais as mães dizem que não se deve brincar.

"Jorge", disse a esposa chorosa, "a sua mãe me insultou hoje".

"Mas como, se ela está a milhares de quilômetros aqui?"

"É que chegou uma carta para você hoje... e eu a abri".

"Sei, mas e o insulto?"

"Ela escreveu assim no P.S.: Inês, não se esqueça de dar esta carta ao Jorge".